

Ministério da Cultura, MRS, GERDAU e BAUMINAS apresentam:

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

PROGRAMA
EDUCATIVO
IPHAN

+80

Belo Horizonte

Este é um livro original do Programa Educativo Iphan+80
Edição 2024 Akala

Coordenação editorial | Andréia De Bernardi e Ives O S Melo
Texto principal | Andréia De Bernardi, Carolina Dellamore e Eduardo Martins
Ilustrações | Anna Göbel
Revisão | Uaiipy Produção Cultural
Projeto gráfico e diagramação | Alessandra Soares e Cláudio Santos [Voltz Design]



Este trabalho é licenciado pela Creative Commons Atribuição-Não comercial-Sem Derivativos. 4.0 Internacional. Para acessar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Impresso no Brasil. A edição deste livro respeita o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

D286e De Bernardi, Andréia.
Educação Patrimonial – Belo Horizonte [recurso eletrônico]
Caderno do Professor do Programa Educativo IPHAN+80 / Andréia De Bernardi,
Carolina Dellamore, Eduardo Martins; Ilustrado por Anna Göbel. – [Belo Horizonte]:
Akala, [2024].
63 p. : enc, il., color.

ISBN: 9788556530219 (E-book)

1. Patrimônio - Educação. 2. Patrimônio – Ouro Preto (MG). 3. Patrimônio cultural - Minas Gerais. 4. Patrimônio cultural imaterial - Minas Gerais.

I. Título. II. Dellamore, Carolina. III. Martins, Eduardo. IV. Göbel, Anna.

CDD- 351.807

Catálogo na fonte:
Bibliotecário: Albert Michel da Silva Torres CRB-6: MG-002582/O



Projeto acessível com intérprete de Libras e legendas em português, impressão dos materiais didáticos em braille e produção de livros audiovisuais. O site do projeto possui plug-in de acessibilidade com tradutor virtual de Libras e recursos assistivos. Os materiais acessíveis Visitas Mediadas em Vídeo, Caderno do Estudante e da Comunidade (livros audiovisuais) estão disponíveis no site www.iphan80.com.br

2024
Akala
Programa Educativo Iphan+80
iphan80.educacaopatrimonial@gmail.com
Sua opinião é muito importante! Envie-nos um e-mail!

Caderno do Professor

Você sabe a diferença entre ver e olhar?
Conhece o Jonathas, a dona Antônia, o
Guilherme Augusto? Já desenhou sua mão-
identidade? Já ouviu falar de fratrinhão?
Escreveu sua escrivência? Criou um
parangolé? Conhece o Muquifu? E a
abordagem da Educação Patrimonial
Afetiva (EPA)?

Não? Tudo bem!

Com o **Caderno do Professor**, do **Programa Educativo Iphan+80**, você poderá conhecer e participar de tudo isso e muito mais!

Este material, especialmente criado para a **Formação de Multiplicadores do Iphan+80**, objetiva ampliar o debate sobre o Patrimônio Cultural e a Educação Patrimonial, mas, acima de tudo, almeja propiciar a você uma experiência singular de encontro com a sua história de vida, com os seus afetos e com a sua cidade por meio da arte, oxigenando suas práticas a partir do reconhecimento de sua identidade e memória.

Articuladas às dinâmicas presentes ao longo do Caderno do Professor, cinco propostas de ações educativas inéditas são ofertadas como possíveis desdobramentos para serem realizadas com seus grupos, familiares e amigos.

Ao final, dez pranchas ilustradas abordam especificamente o patrimônio cultural de sua cidade e convidam à elaboração de propostas educativas voltadas aos seus grupos e contextos.

A coleção contempla sete cidades mineiras e os outros Cadernos do Professor estão disponíveis no site: www.iphan80.com.br

Seja bem-vindo!

Andréia De Bernardi
Akala

MEUS DADOS

Nome

Escolas/Centros Culturais em que atuo

Disciplinas que leciono

Oficinas que ministro

Temáticas de interesse

Mais sobre mim

Telefone

E-mail

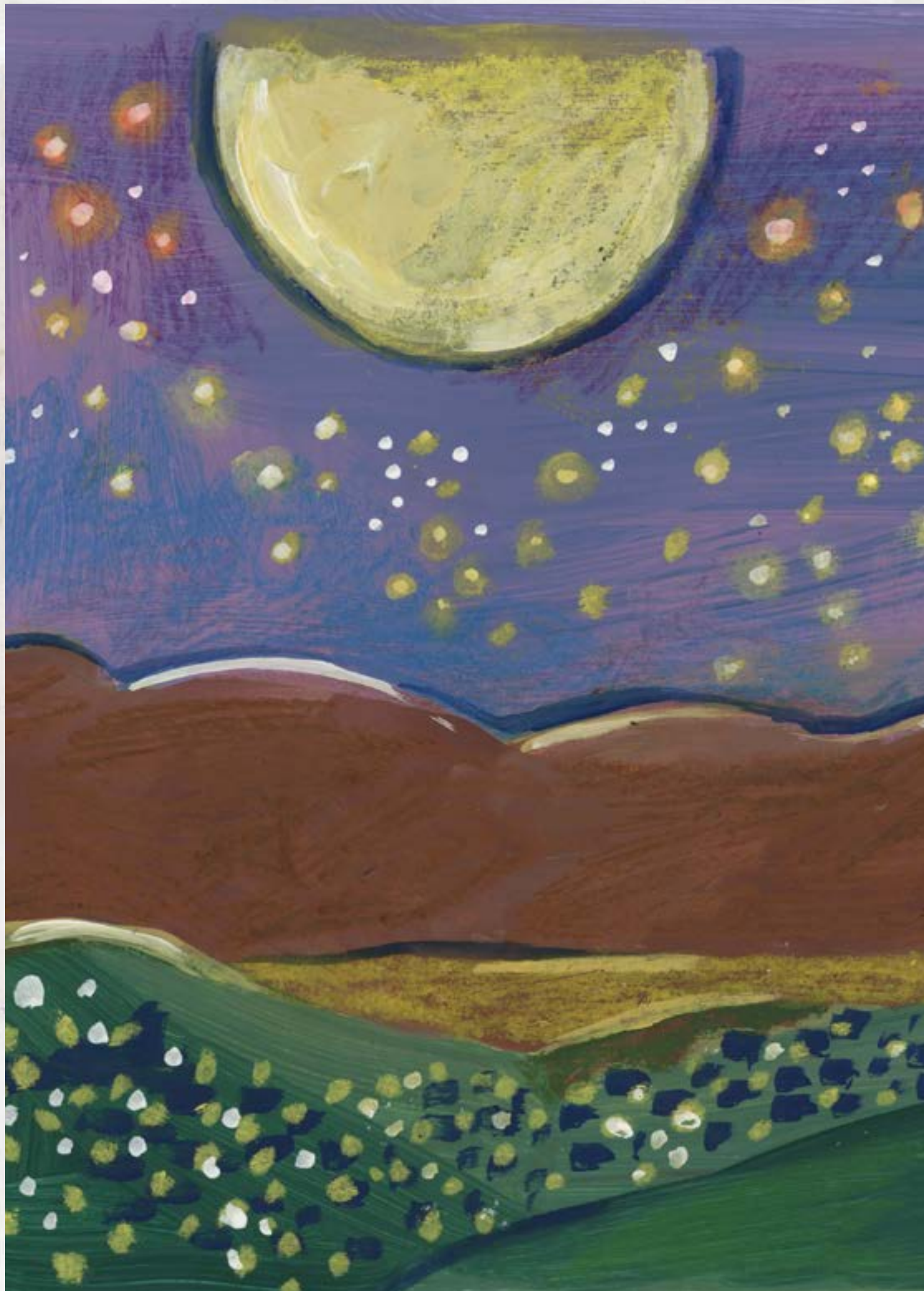
Contato alternativo

Mas... você deve
estar se perguntando:
multiplicadores
de quê, por quê,
pra quê, pra quem?

*VOU APRENDER
A LER, PRA
ENSINAR MEUS
CAMARADAS...**

* Trecho da música Yáyá Massemba, de Roberto Mendes e Capinan (2003).

Segundo Roberto Mendes, o trecho foi inspirado em uma cantiga, que seria: “Ô aprender a ler/ Pra dar lição aos meus camaradas”, adaptada pelo poeta José Carlos Capinan e que representa o compartilhar de conhecimentos.



PROGRAMA EDUCATIVO +80 IPHAN

O **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)** é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

A **Akala** é organização da sociedade civil sem fins lucrativos sediada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Desde a sua fundação, em 2010, se destaca pela proposição e realização de projetos educativos e culturais inovadores, tendo recebido relevantes prêmios nacionais e internacionais, dentre eles o Prêmio Economia Criativa, do Ministério da Cultura, e o Prêmio Ibero-americano de Educação e Museus, concedido pelo Ibermuseum.

Da parceria entre o **Iphan** e a **Akala** surgiu o projeto cultural “Programa Educativo Iphan+80”. Na época em que iniciamos as conversas sobre a sua realização, o Iphan comemorava 80 anos e, por isso, o nome do projeto, “Iphan+80”, que quer dizer: que venham mais 80 anos de atuação do Iphan!

O objetivo do **Programa Educativo Iphan+80** é sensibilizar as comunidades das cidades beneficiárias para a importância da identificação, reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural. Nessa direção, a abordagem de educação patrimonial abraçada por nós busca estimular um olhar afetivo para as “coisas da terra”, fortalecendo os laços de pertencimento com os bens culturais, materiais, imateriais e com aquilo que é natural em cada localidade: a biodiversidade, a fauna, a flora, a paisagem, os rios.

Esta edição do Programa contempla ações educativas nas cidades de Belo Vale, Congonhas, Ouro Branco, Mariana, Juiz de Fora, Cataguases e Ouro Preto, no distrito de Miguel Burnier.

Em sua primeira etapa, ocorre intervenção artística participativa: a pintura de um muro em cada cidade, representando elementos da cultura e do patrimônio local, feita pelos artistas Anna Göbel e Chico Simões junto com a comunidade. Na segunda etapa, são realizadas oficinas de formação de professores e agentes culturais que se destacam por seu protagonismo e que se tornam, então, multiplicadores da proposta do projeto.

E se você está lendo este material é porque está bem no meio desta etapa: a **Formação de Multiplicadores!**

Nestes encontros, você terá a oportunidade de participar de vivência dinâmica, em que a proposta é colocar a mão na massa, movimentando nossos corpos e despertando a percepção que temos do que é patrimônio para cada um de nós, para cada grupo, para cada cidade. Além de abordar conceitos e teorias que naturalmente permeiam a formação, visamos promover ação educativa sensível e transformadora.

Este é o **Caderno do Professor**, material didático-pedagógico especialmente elaborado para os multiplicadores, contendo conceitos e sugestões de atividades de educação patrimonial aplicáveis a diferentes faixas etárias, níveis de ensino, contextos e territórios educativos.

Elaboramos igualmente o **Caderno do Estudante e da Comunidade**, que poderá ser utilizado por você em diversas situações. Ambos materiais trazem ilustrações exclusivas, desenvolvidas pela artista Anna Göbel. A presença de ilustrações que representam bens culturais das cidades contempladas nos materiais didáticos do projeto cria oportunidades para exercícios de leitura de imagens, fundamentais no trabalho de educação patrimonial que propomos.

Os materiais desenvolvidos, assim como os registros das ações do **Programa Educativo Iphan+80**, estão disponíveis no site do projeto. Além dos **Cadernos do Professor e do Estudante**, há também o produto **Visitas Mediadas em Vídeo**, que contextualiza outros aspectos do patrimônio cultural de cada cidade a partir de uma linguagem universal: a contação de histórias com os personagens Clara e Milton, mamulengos criados pelos artistas convidados Chico Simões e Anna Göbel.

Representando uma dupla de crianças que viaja numa carruagem alada, Clara e Milton contam suas descobertas em cada cidade. Com eles, a narrativa presente nos materiais didáticos, no site, nas ilustrações e nas redes sociais busca aproximar o público de um olhar singelo lançado por crianças. E este é o convite que fazemos a todos vocês: o de lançar um olhar singelo e afetuoso para as coisas que nos rodeiam, buscando os sentidos e significados que nos tocam de verdade, para além das teorias e regras instituídas.

Assim, convidamos as comunidades locais à participação na pintura dos muros, convidamos os professores, educadores sociais e agentes culturais a se tornarem multiplicadores e convidamos a comunidade em geral a se apropriar dos materiais que criamos: livros, vídeos e suas versões acessíveis.

Enfim, com Miltinho e Clarinha, convidamos todo mundo a embarcar com a gente nesta carruagem alada.

Sejam bem-vindos!

**Andréia De Bernardi e Ives Melo
Akala**



POR DENTRO DO CADERNO DO PROFESSOR

Este material que você tem em mãos, o **Caderno do Professor**, do **Programa Educativo Iphan+80**, foi desenvolvido por profissionais com formação em diferentes áreas de conhecimento e ampla experiência atuando como arte educadores e mediadores culturais.

Buscou-se, aqui, tangenciar os conceitos-chave pertinentes às temáticas do patrimônio cultural e da educação patrimonial, mas, sobretudo, propiciar uma **experiência** aos participantes da **Formação de Multiplicadores**. O excesso de afazeres e as exigências da vida contemporânea têm nos afastado cada vez mais das oportunidades de experimentação, de colocar a “mão na massa”.

Como educadores que somos, sabemos que a teoria não caminha sem a prática, e vice-versa. Que aquilo que ensinamos e aprendemos no nosso cotidiano profissional carece de nutrição e atualização. Não apenas a atualização com leituras de novos autores e participação em congressos, mas uma atualização parecida com “reiniciar o computador”, “dar um *refresh*”, como costumamos dizer.

Nesse sentido, os temas aqui abordados são como um espelho do que vamos viver nos encontros de formação. As **ações educativas** que selecionamos são proposições que você poderá adaptar e realizar com suas turmas e em outros contextos, em casa, com a família. Todas as propostas são permeadas por letras de músicas, poesias, pensamentos e indicações de filmes, pois acreditamos que a arte pode potencializar processos de construção de conhecimento em todas as áreas.

Ao final do caderno, você vai encontrar pranchas em que elementos do patrimônio cultural de sua cidade estão representados. Na frente de cada prancha, há uma **pergunta instigadora** que estimula a observação da ilustração, momento fundamental de leitura e interpretação da imagem. No verso, há breve contextualização dos bens culturais presentes na ilustração e uma sugestão de desdobramento que você poderá realizar ou adaptar, se inspirando para criar novas atividades e até mesmo novas pranchas.

O conjunto de pranchas, com ilustrações especialmente criadas pela artista Anna Göbel, oferece a você, multiplicador, inúmeras possibilidades de trabalho. Você poderá, inclusive, usá-las para montar uma exposição na escola e/ou projetá-las, usando a versão virtual deste caderno que está disponível no site, propiciando uma experiência singular de contato com a arte.

A arte é uma forma de expressão, de enunciado. Por meio da arte, dizemos, manifestamos, provocamos, reivindicamos. Ao convidarmos você e sua comunidade a pintar o muro, a mergulhar nas ilustrações e a dançar conosco, estamos, na verdade, querendo dizer:

***se você vier
pro que der e vier
com a gente....***

MODOS DE VER, JEITOS DE OLHAR

CAIXA DE MÚSICA

DIA BRANCO
Geraldo Azevedo e Renato Rocha (1981)



Se você vier
Pro que der e vier comigo
Eu lhe prometo o sol
Se hoje o sol sair
Ou a chuva, se a chuva cair
Se você vier
Até onde a gente chegar
Numa praça, na beira do mar
Num pedaço de qualquer lugar
Nesse dia branco
Se branco ele for
Esse tanto
Esse canto de amor (oh, oh, oh)
Se você quiser e vier
Pro que der e vier
Comigo
Se você vier
Pro que der e vier comigo
Eu lhe prometo o sol
Se hoje o sol sair
Ou a chuva, se a chuva cair
Se você vier
Até onde a gente chegar
Numa praça, na beira do mar
Num pedaço de qualquer lugar
Nesse dia branco
Se branco ele for
Esse canto
Esse tão grande amor
Grande amor
Se você quiser
E vier pro que der e vier
Comigo



O que você vê?

O que você olha?



O olhar é uma das formas de contato com o mundo. Mas, antes, o que é o olhar?

Qual é a diferença entre ver e olhar?

Segundo Sérgio Cardoso

O ver em geral conota no vidente uma certa discrição ou passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele, um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. Diríamos mesmo que aí o olho se turva e se embaça, concentrando sua vida na película lustrosa da superfície para fazer-se espelho... [...] Já o universo do olhar tem outra consistência. O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui, o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões, alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e dilacerado. [...] Ela, a simples visão, supõe e expõe um campo de significações, ele, o olhar – necessitado, inquieto, inquiridor –, as deseja e procura, seguindo a trilha do sentido. O olhar pensa; é a visão feita interrogação (CARDOSO, 1988, p. 348-349).

Sim, é o nosso jeito de olhar para o mundo que define tudo. Poderíamos elencar aqui diversas formas de olhar para o outro, para as coisas e para nosso entorno.

Vamos fazer uma lista de jeitos de olhar?



**CAIXA
DE POESIA**

Mario Quintana (2005)

JARDIM INTERIOR

Todos os jardins deviam ser fechados,
com altos muros de um cinza muito pálido,
onde uma fonte
pudesse cantar
sozinha
entre o vermelho dos cravos.
O que mata um jardim não é mesmo
alguma ausência
nem o abandono...
O que mata um jardim é esse olhar vazio
de quem por eles passa indiferente.



A DANÇA CIRCULAR NA EDUCAÇÃO: CORPOS, SENTIDOS E MEMÓRIAS EM MOVIMENTO

*Você segura a minha mão na sua, eu seguro a sua mão na minha.
Para que possamos fazer juntos o que minhas mãos não podem fazer sozinhas.*
Oração do Teatro

Você se lembra de ter dançado em roda quando era criança? Como eram as músicas? E as danças? Que sensações e memórias você guardou desses momentos?



A **Dança Circular**, também conhecida como dança em roda ou dança em círculo, é uma forma de expressão artística que tem raízes antigas e transculturais. Popularizada mundialmente a partir da década de 1970 pelo trabalho do dançarino e educador alemão Bernhard Wosien, a dança circular chegou ao Brasil na década de 1980 por meio do arquiteto e escritor Carlos Solano, em Belo Horizonte e, simultaneamente, no antigo Centro de Vivências de Nazaré Paulista, em São Paulo. Segundo a estudiosa e focalizadora de danças circulares Renata Ramos (2014, n.p.), no Brasil, as danças de roda encontram suas raízes nas danças dos povos europeus, dos povos indígenas brasileiros e dos povos africanos, criando identidade própria em meio a essa diversidade cultural.

A dança circular tem desempenhado um papel significativo na educação, sendo valorizada por suas contribuições para o desenvolvimento pessoal, social e cultural dos praticantes. Especialmente, a dança circular possibilita uma forma única de expressão criativa: ao mover-se em círculo de acordo com as coreografias, os participantes podem explorar variedade de gestos e movimentos que refletem e acolhem suas emoções, experiências e identidades.

As coreografias da dança circular frequentemente envolvem movimentos sincronizados. Os participantes exercitam o trabalho colaborativo para alcançar um objetivo comum, seja seguindo certo padrão de movimento ou mantendo o ritmo da música. Esse aprendizado cooperativo desenvolve habilidades de comunicação e respeito mútuo.

A dança é também uma atividade inclusiva que pode ser apreciada por pessoas de todas as idades, habilidades e origens culturais. Ao dançar em roda, os participantes se unem em um senso de comunidade e pertencimento. Isso promove a inclusão social, constrói laços interpessoais e fortalece a coesão do grupo.

Ainda, a dança circular é uma forma de exercício físico que promove a saúde cardiovascular, a flexibilidade, a coordenação e o equilíbrio, estimulando a função cognitiva, a memória e a concentração.

Então, multiplicadores,
vamos dançar?

A Portaria nº 849, de 27 de março de 2017, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2017), incluiu a dança circular à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e, desde então, passou a ser oferecida gratuitamente pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

Isso porque a dança circular é também considerada uma forma de meditação ativa e pode ser experiência transformadora que ajuda os participantes a se conectarem consigo mesmos e com os outros de maneira profunda e significativa.

Ao se moverem ao ritmo da música em um ambiente solidário, os dançantes podem desenvolver consciência corporal, confiança e autoestima, contribuindo para a conquista de bem-estar emocional e mental.

Muitas danças circulares têm raízes em tradições culturais específicas e são transmitidas de geração em geração como parte do patrimônio cultural de um grupo ou comunidade. Ao aprender e praticar essas danças, os estudantes têm a oportunidade de se conectarem com as suas próprias heranças culturais ou explorarem e apreciarem culturas diferentes das suas. Isso promove o entendimento intercultural e o respeito pela diversidade.

CAIXA DE PENSAMENTO

Bernhard Wosien (2000, p. 16)

Eu vim à dança
Como isto aconteceu, nenhuma fantasia o diz,
Contudo, todo o meu Desejar e todo o meu
Querer
Oscilavam com o Amor nos mesmos círculos
Que conduzem nosso sol e todas as estrelas.



Bernhard Wosien
Fonte: <https://images.app.goo.gl/fQWg5T2tLzVYT87K6>

CAIXA DE DANÇA

ABRAÇA-ME
Coreografia de
Adriana Bisconsin



EMBRACE ME
Música instrumental de
Samanta Yubero Lahoz
(2022)



SENTIDOS DO PATRIMÔNIO, SENTIR O PATRIMÔNIO

Para você, o que é patrimônio cultural?



As palavras e os conceitos têm história. Tradicionalmente, devido à sua origem etimológica, a palavra patrimônio esteve associada “à herança paterna”, a “bens familiares” fundamentalmente de valor econômico, transmitidos de pais para filhos (CHAGAS, 2009, p. 153). Foi no século XVIII, durante a Revolução Francesa, que a noção de patrimônio foi produzida. Associado aos termos histórico e artístico, o patrimônio e sua retórica de preservação passam a ser amplamente utilizados na construção de uma certa representação de nação (FONSECA, 1997, p. 37). Ao longo do tempo, novos sentidos e significados foram sendo atribuídos ao termo e as designações “histórico” e “artístico” foram substituídas pelo atributo “cultural”, considerado mais abrangente. Desde 1988, a política patrimonial no Brasil se pauta pelo que foi promulgado na Constituição Cidadã, em seu artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

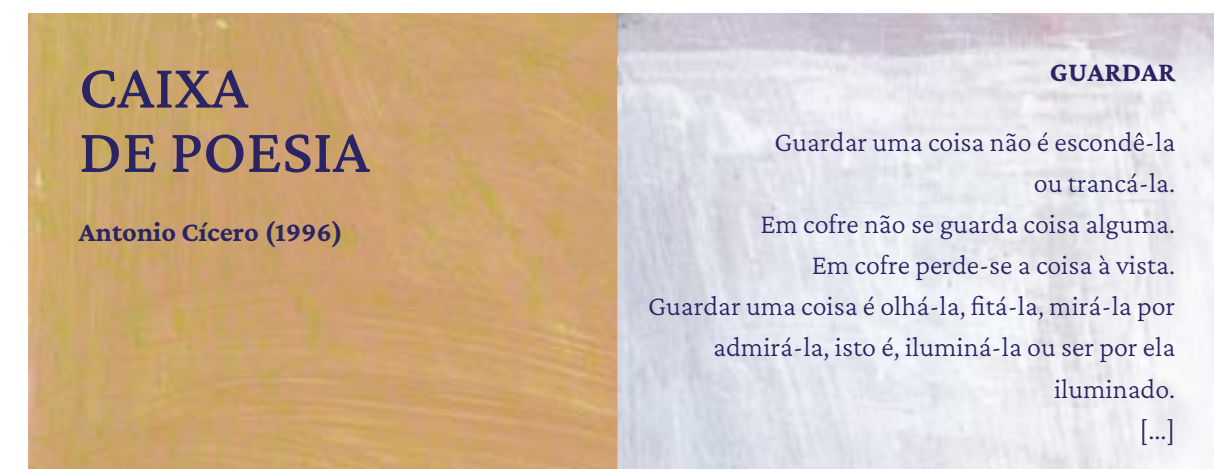
I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).



Além do patrimônio cultural material e imaterial “consagrado” e protegido pelas instâncias governamentais nas esferas municipal, estadual e federal por meio de instrumentos como **inventário, tombamento e registro**, há todo um patrimônio cultural produzido e vivenciado por grupos e comunidades em seu cotidiano. São formas de expressão, saberes, fazeres, lugares, artefatos materiais de todos os tipos que perduram no tempo, criam laços entre gerações, promovem articulações entre passado e presente, respondem às questões contemporâneas e não dependem da chancela do Estado para continuar existindo. Enfim, um **Patrimônio Vivo!** Um patrimônio que se preserva, mas que, ao mesmo tempo, coloca-se em movimento, pois a cultura não é estanque, ao contrário, é dinâmica. Patrimônio “que não se justifica apenas por seu vínculo com o passado, seja ele qual for, mas também por sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, com a vida dos seres em relação com os outros seres, coisas, palavras, sentimentos e ideias”. Patrimônio como mediador de múltiplas temporalidades: passado, presente e futuro (CHAGAS, 2009, p. 153).



PALAVRAS NÃO SÃO SÓ PALAVRAS

Você já pensou nos sentidos da palavra “patrimônio”?
Concorda com o seu uso para designar
“bens culturais”? Se você pudesse substituir
a palavra patrimônio por outra, qual seria?



Palavras não são só palavras, elas carregam um sentido. E tem muita gente, pesquisadores e estudiosos, pensando sobre o sentido das palavras, buscando ampliar o significado de algumas ou propondo efetivamente a sua substituição por outras que consigam retratar as mudanças históricas, culturais e sociais pelas quais a sociedade passou e está passando.

No campo do patrimônio e da museologia, o **Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom)**, fundado em Lisboa, Portugal, em 1985 e vinculado ao **Conselho Internacional de Museus (Icom)**, tem sua filosofia ligada à Museologia Social e, mais recentemente, à Sociomuseologia.

Suas origens ideológicas encontram-se na Declaração de Santiago, adotada em 1972, no Chile, documento fundamental na história dos museus da América Latina que contém um conjunto de recomendações resultantes da discussão sobre o papel social dos museus.

Em outubro de 2017, durante a XVIII Conferência Internacional do Minom-Icom, realizada em Córdoba, na Argentina, foi produzida a Declaração de Córdoba, que traz reflexão importante acerca da noção de patrimônio e propõe uma ruptura radical com essa terminologia.

Para o Minom, trata-se de noção hegemônica que carrega

um vetor patriarcal e patrimonialista incapaz de abarcar os múltiplos sentidos e solidariedades implicados na produção e comunicação das culturas, onde estão presentes as condições para o reconhecimento de uma herança que se constrói e se comparte aqui e agora, e que pode ser denominada como fratrímônio e soromônio, integrando o natural e cultural, o material e o imaterial (MINOM, Declaração de Córdoba, 2017, n.p.).

Para o Movimento, a palavra patrimônio não expressaria adequadamente a dimensão social e cultural de tudo que a envolve no contexto histórico em que vivemos. **Fratrimônio** e **Soromônio** são as palavras que o Minom sugere para substituir a palavra patrimônio.

Segundo a seção de novas palavras do site da Academia Brasileira de Letras, sororidade é um sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres [do latim “soror”, que significa irmã, + (i)dade].

E fratrímônio? Vamos refletir sobre os sentidos possíveis dessa palavra?
Use o espaço a seguir para anotar ideias e/ou desenhar e compartilhe.



Segundo sua percepção, cite exemplos de *fratrimônios e soromônios*.



O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE E O PATRIMÔNIO CULTURAL

Na Declaração de Córdoba (MINOM, 2017, n.p.), está também mencionado: “Reconhecemos Paulo Freire como educador e professor de educação popular, que inspira filosofias e práticas de Museologia Social em todo o mundo”.

O educador brasileiro **Paulo Freire** (1921-1997) é mundialmente conhecido por suas contribuições para a pedagogia crítica e a educação popular. Sua abordagem de educação enfatiza a importância da conscientização, da participação ativa e do diálogo como ferramentas para a transformação social. A filosofia de Paulo Freire defende a educação libertadora, por meio da qual os envolvidos podem se tornar agentes de sua própria aprendizagem e protagonistas na mudança de estruturas sociais injustas.

Freire também é conhecido por ter criado um método de alfabetização de adultos. No escopo desse método, Freire promovia os chamados **Círculos de Cultura**, encontros em que as pessoas se reuniam para discutir temas considerados relevantes para elas naquele momento: problemas, desafios e outras questões. Assim, nesses encontros coletivos, as “situações-limite” enfrentadas pelo grupo eram identificadas e dali eram extraídos os “temas geradores” utilizados para orientar o próprio processo de alfabetização.

Paulo Freire (1989) dizia que a leitura da palavra não poderia estar desconectada da leitura do mundo e que aprender a ler e a escrever na idade adulta seria tanto mais eficaz e significativo se baseado nas experiências de vida da comunidade. Tanto do ponto de vista da familiaridade quanto do ponto de vista da aplicabilidade, da possibilidade de utilizar imediatamente aquele conhecimento na vida prática. Assim sendo, para um homem que trabalha como pedreiro, construindo casas, é muito mais

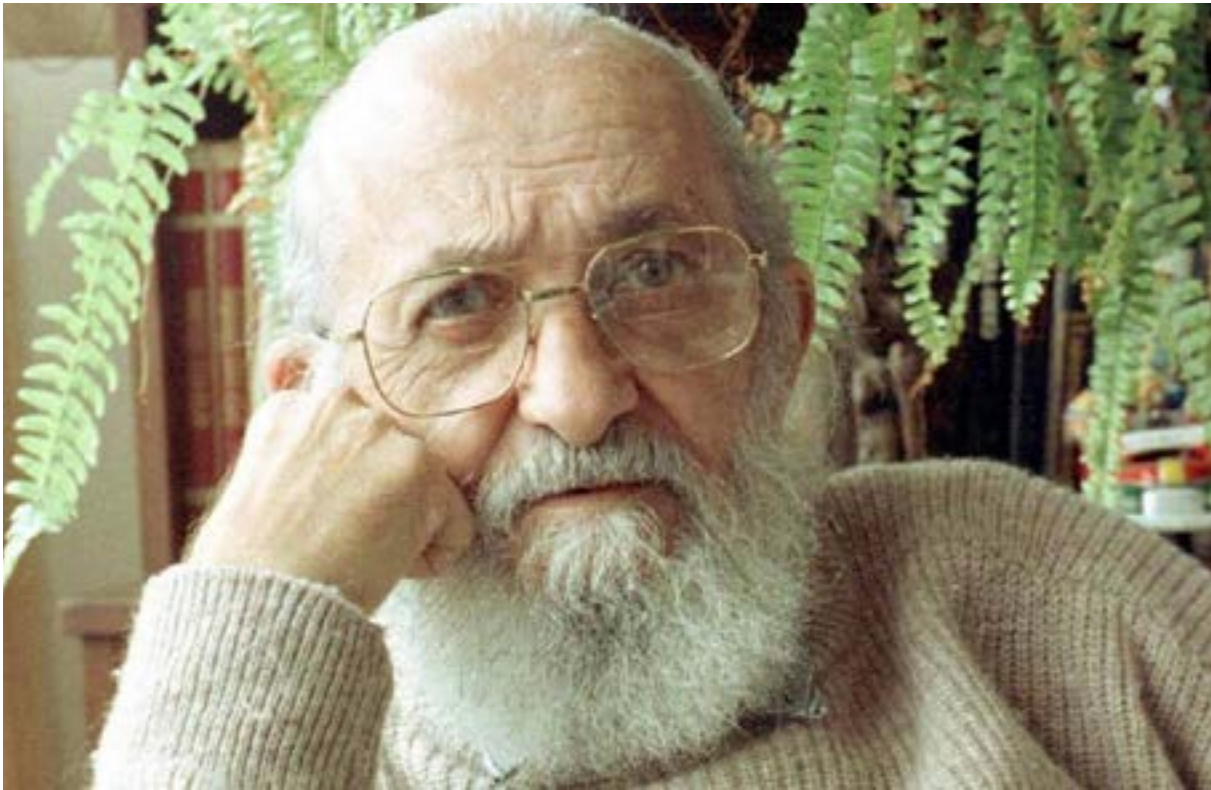
significativo aprender a ler e escrever a palavra “tijolo” do que a palavra “uva”, ou seja, na visão de Paulo Freire, as palavras deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos” (1989, n.p.).

Outro conceito central da filosofia de Paulo Freire – que é caro à educação patrimonial – é o **dialogismo** que, nesse contexto, corresponde à relação dialógica estabelecida entre os sujeitos do conhecimento. Por meio do diálogo, o educador estimula que cada estudante seja protagonista de sua própria aprendizagem, investigando e questionando o mundo e, por isso, para Paulo Freire, a educação é um ato de amor. É também ato político, pois, se praticada dessa maneira, convoca à participação e pode se tornar um caminho para a autonomia.

Dessa forma, no contexto do patrimônio cultural, as ideias de Paulo Freire podem sugerir uma abordagem mais participativa na interpretação do patrimônio, envolvendo a valorização dos conhecimentos e experiências das comunidades, o estímulo ao diálogo intercultural e intergeracional e o reconhecimento das diferentes perspectivas sobre o significado de patrimônio.

E assim como a obra de Freire enfatiza a importância da conscientização sobre as relações de poder e as injustiças sociais na sua perspectiva de educação popular, a abordagem freiriana de educação patrimonial poderia incluir a análise das dimensões políticas e sociais da noção de patrimônio, buscando formas de torná-lo mais acessível e inclusivo.

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER A PALAVRA, O MUNDO, A “PALAVRAMUNDO”



Paulo Freire - Fonte: Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire RJ/Divulgação.

Em seu livro “A importância do ato de ler” (1989), Paulo Freire busca em suas memórias as vivências de leitura que marcaram sua existência e relata que antes mesmo de ler a palavra escrita, ele teve a oportunidade de ler o mundo:

aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os ‘textos’, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto (...) se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais (FREIRE, 1989, n.p.).

Paulo Freire recorda-se de paisagens, situações, casas, árvores, pássaros, ruídos e outras percepções que, assim como um texto, eram descobertos e lidos no cotidiano de seu mundo de menino. Ele nos fala também de seu processo de alfabetização, iniciado por seus pais no quintal de sua casa, à sombra de uma mangueira, usando o chão como quadro negro e gravetos como giz. Ali, a leitura da palavra, segundo Freire (1989, n.p.), “fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular”. E posteriormente, na escola, seus professores também estavam comprometidos com a leitura da “palavramundo”, neologismo freiriano que designa o vínculo essencial entre a leitura do mundo e a leitura da palavra. A seguir, um recorte do texto:

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu, e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”.

Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler. O mesmo do primeiro mundo que se deu à minha compreensão pela “leitura” que dele fui fazendo. Lá, reencontrei algumas das árvores da minha infância. Reconheci-as sem dificuldade. Quase abracei os grossos troncos – os jovens troncos de minha infância. Então, uma saudade que eu costumo chamar de mansa me envolveu cuidadosamente. Deixei a casa contente, com a alegria de quem reencontra gente querida. (Trecho de “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, 1989 n.p.).

O texto a seguir, da escritora mineira Conceição Evaristo, também narra uma experiência singular com a escrita, envolvendo sua mãe e que habita sua memória:

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente às suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. (Trecho de “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, de Conceição Evaristo, 2020a , p. 49).

A partir das experiências de Paulo Freire e de Conceição Evaristo, rememore seu processo de alfabetização e represente, por meio de palavras e/ou desenhos, a sua experiência de leitura da palavra e do mundo.

O PAPEL DA IMAGEM NO MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE E A OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA “EDUCAÇÃO PARA ADULTOS”, DE JONATHAS DE ANDRADE

Paulo Freire foi um dos educadores mais sensíveis à forma como a bagagem cultural das pessoas e suas experiências estéticas e de vida podem ser matéria-prima para a emancipação. Ele costumava encomendar desenhos ou pinturas que representassem paisagens e cenas comuns dos lugares em que eram promovidos os círculos de cultura. Do exercício de leitura dessas imagens eram extraídos temas geradores para o processo de alfabetização do grupo e sua função era também estimular o desenvolvimento de um olhar mais atento para a realidade.

Considerando que a conexão entre a leitura do mundo e a leitura da palavra pode potencializar o desenvolvimento da consciência crítica, os exercícios de leitura de imagens eram centrais no processo de alfabetização idealizado por Paulo Freire.

Nesse contexto, as “imagens” poderiam ser as visualidades do entorno, cenas do bairro ou da cidade, obras de arte, elementos da cultura visual etc.

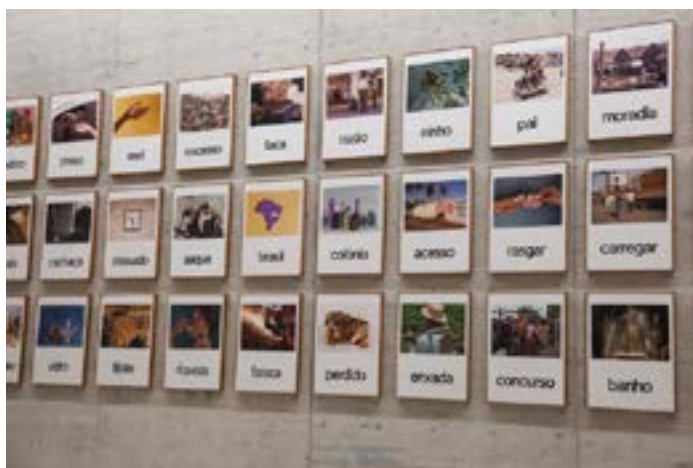
“Educação para Adultos” é uma obra de arte criada em 2010 pelo artista contemporâneo brasileiro Jonathas de Andrade. Nascido em 1982, em Maceió, Alagoas, Andrade é conhecido por suas instalações, fotografias e vídeos que exploram temas sociais e culturais, muitas vezes, relacionados à história e identidade do nordeste brasileiro.

A obra nasce da descoberta pelo artista de vários cartazes que sua mãe utilizava quando era professora. Segundo Jonathas:

O ponto de partida deste projeto é uma série de 20 cartazes educacionais impressos na década de 1970 e utilizados por minha mãe enquanto professora na rede pública de ensino nos anos 1980 e 1990. Utilizando conceitos e procedimentos do método Paulo Freire de alfabetização, os cartazes foram base para uma série de encontros diários com um grupo de analfabetas, durante um mês. O percurso das conversas de cada dia se tornava pauta fotográfica para novos cartazes criados por mim que voltavam para as conversas, criando uma espécie de engrenagem artístico-educacional (ANDRADE, 2010, n.p.).



Cartazes utilizados no método de alfabetização de adultos de Paulo Freire.
Fonte: <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/educacao-para-adultos>



Detalhe da obra “Educação para Adultos”, 2010.
60 cartazes emoldurados, 34x46cm. Foto: Montagem do
trabalho no Museu Kunst im Tunnel, Düsseldorf, Alemanha.
Fonte: <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/educacao-para-adultos>



O artista Jonathas de Andrade com alguns dos cartazes que fazem parte da obra “Educação para Adultos”, 2010. Fonte: <https://www.cobogo.com.br/jonathas-de-andrade>

Ao final do Caderno do Professor, a partir da página 52, você encontrará algumas sugestões de ações educativas. Uma delas, “Criando cartazes com Paulo e Jonathas”, refere-se a esta seção e poderá ser utilizada ou adaptada por você.

IDENTIDADE E MEMÓRIA

Para você, o que é identidade?



Qual a relação entre memória e identidade?



De acordo com o dicionário Aurélio, **identidade** é entendida como “caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo etc” (AURÉLIO, 2001, p. 371). No entanto, mais do que esses elementos, a identidade de uma pessoa é formada por aspectos sociais, culturais, históricos e, ainda, os subjetivos, pois identidade trata-se também de um sentimento: o sentimento de pertencer a um grupo, o sentimento de fazer parte de um lugar, de uma comunidade.

E a **memória**, por sua vez, é um “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 5).

Dessa forma, os laços entre memória e identidade são fundamentais. Vale ressaltar que a identidade não é fenômeno que possa ser entendido como essência de uma pessoa ou grupo, a construção identitária é um processo contínuo e ocorre na relação com o outro, no olhar e na aceitação ou não do outro. Mas não sejamos ingênuos, para além de continuidade e coerência, memória e identidade mobilizam conflitos e rupturas, isso porque são valores que estão no campo das disputas sociais e políticas, dentro de um determinado grupo, entre grupos que se opõem ou mesmo no interior de uma família (POLLAK, 1992, p. 5).

Para Joël Candau (2011, p.17-18) “a memória é a identidade em ação”, isso significa dizer que as identidades operam a partir de um repertório constituído por representações, mitos, crenças, saberes, heranças, ou seja, dentro de um registro memorial de indivíduos, grupos e comunidades. Ao dar forma ao passado, os sujeitos constroem-se a si mesmos num contínuo processo de lembrar e esquecer. “O corpo é memória viva, em constante (re)criação. Não é um depósito, um baú de acontecimentos. É corpo presente no momento presente” (CONZ; VITIELLO, 2012, p. 4).

Mãos-identidade

Desse corpo que é memória viva, escolhemos as mãos. As mãos como síntese. Mãos “presentes no momento presente”, que conectam-se à cidade, ao outro, que forjam identidades. Mãos que tecem, cozinham, escrevem, ensinam... Mãos que, por meio do tato, tocam, sentem as coisas.

Para começar, olhe atentamente para suas mãos. Observe o tamanho, a textura, sinta os calos, as cicatrizes, as rugas. Repare nas linhas. Saiba que elas não seguem um padrão, elas são únicas, garantem a individualidade de cada um, sendo as impressões digitais, por isso, a melhor forma de reconhecer um indivíduo. São “mãos-identidade”.

Em um pedaço de tecido, desenhe o contorno de suas mãos.

Enquanto desenha, reflita: como essas mãos representam sua identidade na relação com a cidade em que você vive? O que cabe nessas mãos? Que memórias elas mobilizam? O que essas mãos querem dizer para o momento presente?

Solte sua sensibilidade e criatividade. Você pode brincar com texturas diversas, desenho, pintura, colagem, bordado...

Ao final, as “mãos-identidade” ficarão expostas na sala.

CAIXA DE PENSAMENTO

Joël Candau (2011, p. 16)

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, um mito, uma narrativa.

CIDADE, CORPO, MEMÓRIA

A cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas.
Italo Calvino (1990, p. 14)

As cidades podem construir e acionar memórias.
Elas provocam sentimentos diversos, produzem emoções, tal como Caetano Veloso cantou em Sampa:

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas

Trecho de “Sampa”, música de Caetano Veloso (1978)



Caetano Veloso compôs essa música que se tornou uma espécie de hino de São Paulo, em 1978, para dizer de seu estranhamento ao conhecer essa cidade e o que acontecia em seu coração...

E o que acontece em seu coração quando
você chega à sua cidade? Que sentimentos
essa experiência provoca em você?
Que memórias ela desperta?



A cidade concentra pessoas no mesmo espaço e tem um “pulsar de vida”. Para Sandra Pesavento (2007, p. 14), cidade é **sociabilidade**. Comporta diversidade de atores sociais, personagens, grupos, classes, comunidades, relações sociais, práticas de interação e de oposição, rituais, festas, comportamentos, hábitos e também as marcas que registram a ação social de dominação e transformação desse espaço no tempo. A cidade abriga histórias e corpos, no asfalto ou na rua de chão batido, na arquitetura inacabada, no tijolo aparente, na parede sem reboco que se destaca na paisagem, nos muros e fachadas grafitados, na periferia ou em sua zona rural, nos monumentos, em seu patrimônio preservado. A cidade tem sua pele. “Toda cidade é viva. Olhos mais atentos podem vê-la respirar” (MOLINA, 2017, p. 17).

“Toda cidade guarda camadas. (...) Toda cidade conhece os seus recônditos – e, como uma pele, dobra-se sobre eles ou os revela em seus poros, suas fissuras” (MOLINA, 2017, p. 37).

A cidade é também **sensibilidade**, como afirma Sandra Pesavento (2007). Um fenômeno cultural que implica a produção de imagens e discursos, revelando a percepção de emoções e sentimentos, a expressão de utopias, esperanças, desejos, sonhos e medos, individuais e coletivos, além de múltiplas temporalidades: passado, presente e futuro; construindo, com isso, memórias e identidades (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Cidade: escrita, gesto e olhares

Façamos um inventário de nossas experiências na cidade em que vivemos. Como essas vivências constroem memórias? Nesse exercício, vamos unir escrita, gesto e olhares sobre a cidade.

Comece pela escrita:

Por quais lugares da cidade você passa
cotidianamente?



Como o seu corpo ocupa a cidade?



Que lugares da cidade marcaram a sua vida positiva ou negativamente?

Por que marcaram? Que situações você vivenciou nesses lugares?



Por que você acha que essas experiências ficaram guardadas na memória?



Depois da escrita, é hora do gesto.

Pense num gesto que exemplifique uma de suas vivências na cidade. Agora encene esse gesto e congele-o até que todos façam o mesmo exercício. Registre e compartilhe suas percepções.



Finalmente, após o gesto, o olhar.

Ao atravessar a cidade, somos também atravessados por ela. Fica então o convite para sair da “mesmidade”, olhar com outros olhos para o lugar em que você vive. Construir outras memórias na sua relação com esse espaço.

Você pode começar pelo entorno, contemplar cores, flores e árvores no seu percurso cotidiano: com certeza, você descobrirá algo que, até então, não tinha percebido. Andar por outras ruas, observar quantos trajetos possíveis levam à sua casa. Já pensou em fazer um caminho diferente do habitual? Cumprimentar alguém e se abrir ao diálogo? Experimentar um novo sabor (o pãozinho da padaria da rua de trás pode ser especial...). Visitar um novo espaço, um museu, parque ou praça? Deixar-se ser afetado por sua cidade e pelas pessoas.

No encontro com o outro, esse outro entendido de forma ampla (pessoas, lugares), constituímos nossa identidade ao longo da vida.

Que tal criar um caderno para colecionar esses olhares e percepções? Escrever, desenhar, colar...

CAIXA
DE MÚSICA

O SEU OLHAR
Arnaldo Antunes e Paulo Tatit (1995)



O seu olhar lá fora
O seu olhar no céu
O seu olhar demora
O seu olhar no meu

O seu olhar, seu olhar melhora
Melhora o meu

Onde a brasa mora
E devora o breu
Como a chuva molha
O que se escondeu

O seu olhar, seu olhar melhora
Melhora o meu

O seu olhar agora
O seu olhar nasceu
O seu olhar me olha
O seu olhar é seu

O seu olhar, seu olhar melhora
Melhora o meu

O seu olhar lá fora
O seu olhar no céu
O seu olhar demora
O seu olhar no meu

O seu olhar melhora
Melhora o meu

Onde a brasa mora
E devora o breu
Como a chuva molha
O que se escondeu

O seu olhar...
Melhora o meu

O seu olhar agora
O seu olhar nasceu
O seu olhar me olha
O seu olhar é seu

Seu olhar melhora
Melhora...

“A MEMÓRIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO”¹

*Afinal, quantos lados tem o mundo
no parecer dos olhos do camaleão?*
Mia Couto (2018)

Era uma vez um menino chamado Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Ele morava ao lado de um asilo de idosos e conhecia todo mundo que vivia lá, mas a pessoa de quem ele mais gostava era dona Antônia Maria Diniz Cordeiro.

Um dia, Guilherme Augusto ouviu seus pais falarem com pena que dona Antônia havia perdido a **memória** e perguntou ao pai o que era uma memória. “É algo de que você se lembre”, respondeu o pai. Não satisfeito, Guilherme Augusto foi ao asilo e perguntou aos seus amigos o que era memória. As respostas foram diversas: “Algo quente, meu filho, algo quente”; “Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo”; “Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar”; “Algo que o faz rir, meu querido, algo que o faz rir”; “Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro”.

Então, Guilherme Augusto teve uma ideia, voltou à sua casa para encontrar memórias para dona Antônia. Em uma cesta, o menino colocou: conchas guardadas em uma caixa de sapato, uma marionete que fazia todo mundo rir, a medalha que seu avô lhe tinha dado e lhe trazia tristeza,

sua bola de futebol que, para ele, valia ouro e um ovo fresquinho, ainda quente, que ele tirou debaixo da galinha. Depois de juntar tudo, Guilherme Augusto correu ao asilo para entregá-las à dona Antônia. Ao ver aqueles objetos, algo aconteceu. O ovo ainda quente a fez se lembrar de um ovinho azul, todo pintado, que ela havia encontrado na casa de sua tia quando era criança. Com as conchas no ouvido, dona Antônia se recordou da vez que tinha ido à praia de bonde e do calor que sentiu com suas botas de amarrar. A medalha lhe trouxe tristeza, pois ela se lembrou do irmão mais velho, morto na guerra. Ela também sorriu ao encontrar a marionete que a fez se lembrar das gargalhadas da irmã com a boca cheia de mingau. Por fim, dona Antônia jogou a bola de futebol para Guilherme Augusto e se lembrou da amizade e dos segredos compartilhados desde o dia em que se conheceram.

(Reconto² do livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, de Mem Fox, ilustrações de Julie Vivas, 1995).

¹ SALOMÃO, Waly. Carta aberta a John Ashbery. In: Algaravias: Rocco, 2007.

² Reconto é ato de recontar, ou seja, narrar novamente a história lida ou ouvida. Quem reconta pode: narrar seguindo a mesma sequência, resumir alguns trechos, fazer comentários, expressar sentimentos. Neste reconto, optamos por citar algumas falas de personagens como estão no texto original: identificadas com as aspas.

30

31

Esse breve resumo do livro infantil “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” (FOX, 1995) que conta a história de um menino que, com muita sensibilidade, ajuda a amiga idosa a encontrar suas memórias por meio de uma coleção de objetos que ele seleciona no cotidiano, nos mostra a multiplicidade de acepções que a memória adquire a partir das percepções da vida e das experiências que cada pessoa traz. Para Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125). Obviamente, não nos é possível “reter e guardar” tudo, pois a memória é seletiva. Selecionamos a partir de quem nos tornamos, somos no presente. Isso porque a memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2000, p. 111).

Por isso, ela pode ser antiga, quentinha, como um ovo ou um abraço de vó; pode trazer tristeza, fazer rir ou valer ouro. Podemos evocar outros sentimentos e sensações, afinal há também lembranças de medo, dor, angústia. Nossas memórias também têm cheiro, gosto, som, texturas. Você já sentiu o cheiro de um perfume e rapidamente se lembrou de alguém? E o cheirinho de café sendo coado que pode, por exemplo, nos transportar direto para uma cozinha antiga com piso de cimento queimado vermelhão e um fogão a lenha sempre aceso, crepitando à espera do próximo prato, assim como o gosto da maçã nos levar a uma viagem de ônibus a caminho da praia no feriado? Tudo isso depende da forma como essas experiências nos marcaram e como, no presente, nós as elaboramos.

CAIXA
DE PENSAMENTO

Joël Candau (2011, p. 16)

[...] é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade.

PARA LER
E ASSISTIR

Educadores, a proposta ficará ainda mais interessante se for possível ler o livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” na íntegra e mostrar as ilustrações aos estudantes. Enriqueça a aula utilizando vídeos. Neste link, a história de Guilherme Augusto é contada e cantada. <https://www.youtube.com/watch?v=sORoAvkvFJs> Outra dica é exibir o curta-metragem “Dona Cristina perdeu a memória”, Ana Luíza Azevedo, 2002, 13 min. <https://vimeo.com/240478265>



CAIXA
DE PENSAMENTO

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21)

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia, se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Para Jô Gondar (2005), a memória se articula “àquilo que nos afeta, que nos surpreende, que nos permite apostar em um outro campo de possíveis”. Dessa forma, para além da memória como evocação do passado, realizada a partir de uma necessidade do presente, ela nos permite projetar futuros, vislumbrar horizontes de possibilidades diante da memória que construímos sobre nós mesmos. Para a autora, somente aquilo que nos afeta é capaz de nos marcar a ponto de o

selecionarmos como lembrança: “De todas as experiências que nós vivemos no aqui e agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações”. Ela argumenta que “o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular” (GONDAR, 2005, p. 25).

Que tal criarmos memórias para os objetos?

Guilherme Augusto juntou objetos em uma cesta para ajudar dona Antônia a encontrar suas memórias. Os objetos não eram de dona Antônia, mesmo assim, ao manuseá-los, senti-los, eles acionaram memórias afetivas, afinal, os objetos também produzem afetos, proporcionam experiências.

Vamos começar?
Nós também trouxemos uma “cesta de memórias”.

Escolha um dos objetos na cesta. Olhe para ele, observe seus detalhes e texturas: qual o tamanho do objeto? De que ele é feito? Qual o seu formato, sua cor ou cores? Ele tem cheiro? O que ele diz? Que memórias esse objeto aciona em você?

Procure conectar o objeto escolhido e suas características a alguma vivência pessoal. Agora elabore uma legenda contando a história do objeto. Não qualquer história, mas uma história afetiva, elaborada a partir das memórias despertadas. Na legenda, enfatize as dimensões criativa, subjetiva e poética, não apenas informativa.

Agora chegou o momento de compartilhar memórias: mostre seu objeto, exponha o motivo da sua escolha e leia a legenda. Em seguida, posicione objeto e legenda no local indicado para construirmos uma exposição coletiva. Finalizada a organização da exposição, vamos criar um título para ela.

Percorra a exposição, abra espaço para as memórias chegarem...

CAIXA DE POESIA

Cora Coralina (2011)

Trecho do poema “O PRATO AZUL-POMBINHO”

Minha bisavó – que Deus a tenha em glória –
sempre contava e recontava
em sentidas recordações
de outros tempos
a estória de saudade
daquele prato azul-pombinho.
Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.
Sentimental.
Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.
E terminava invariavelmente,
depois do caso esmiuçado:
” – Nem gosto de lembrar disso...”
É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó
que fizera deles seu presente e seu futuro.
[...]



Sugestão de Ação Educativa

“Catador de patrimônios inúteis”

Ao final do Caderno do Professor, a partir da página 52, você encontrará algumas sugestões de ações educativas. Uma delas, “Catador de patrimônios inúteis”, refere-se a esta seção e poderá ser utilizada ou adaptada por você.

MUSEU, LUGAR DE...

A temática do patrimônio tangencia a dos museus. Como espaços legitimados da cultura material, quando falamos de patrimônio, imediatamente o associamos aos espaços museais, lugares criados para a preservação de bens culturais diversos. Depois de falarmos de patrimônio cultural, memória e identidade, que tal falarmos um pouco sobre museus?

Para você, o que é um museu?



Que tipo de coisas se guardam no museu?



De acordo com o Icom (Conselho Internacional de Museus):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (Definição aprovada em 24 de agosto de 2022, na Conferência Geral do Icom, em Praga).

A definição foi elaborada de maneira colaborativa, contando com a contribuição de instituições do mundo inteiro. O texto é sempre revisto pelo Icom com o intuito de ampliar o conceito de museu e abraçar a diversidade de narrativas e histórias a serem pesquisadas, colecionadas, preservadas, interpretadas e divulgadas. Diversidade de acervos e patrimônios. Patrimônios que, por estarem vivos e em constante movimento, exigem também a atualização dos conceitos.

Segundo Ulpiano Menezes (2002, p. 23), um museu é uma representação do mundo, no entanto, consolidou-se no senso comum uma ideia engessada de museu como espaço para guardar objetos que contam histórias extraordinárias, de grandes feitos. Sabemos que muitos museus propõem-se a fazer um debate inovador, abrindo-se à discussão de sua missão e objetivos, seguindo os preceitos mais recentes do campo da museologia para propor novas apropriações dos objetos, novas formas de divulgar, de dialogar com o público, implementando, até

mesmo, uma revisão crítica da constituição de seus próprios acervos.

Nessa busca por pensar os museus sob uma outra perspectiva e conectá-los às questões contemporâneas foi que surgiu o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), vinculado ao Conselho Internacional de Museus (Icom), como mencionamos anteriormente.

O Minom defende uma museologia aberta às perspectivas que possam contribuir para fazer do museu um instrumento em prol do desenvolvimento da identidade das comunidades e um laboratório de construção do seu futuro. O movimento segue atuante, promovendo reflexões e críticas fundamentais para o campo dos museus. A Declaração de Córdoba (MINOM, 2017), que também citamos em outro ponto do texto, começa assim:

*Consideramos que:
A museologia que não serve para a vida, não serve para nada;
Guardamos no corpo todas as memórias;
A museologia que praticamos envolve afetos, fraternidade, reciprocidade, amor, alegria e poesia;
A memória, para todos nós, constitui uma forma deliberada de resistência, de luta contra a destruição dos modos de vida que não se enquadram em nenhuma forma de colonialismo, entre as quais se encontram o sistema capitalista, o patriarcado e outras.
A memória é, ao mesmo tempo, a afirmação dos valores humanos, da dignidade e da coesão social, colocando-se como ação propositiva de ocupação do presente e invenção de futuros* (MINOM, 2017, n.p.).

Assim, abre-se espaço para diversas tipologias de museus: históricos, etnográficos, de história natural, de ciência e tecnologia, de arte, comunitários, de território, de bairro/cidade, biográficos, temáticos.

Museus inovadores, como o Museu da Pessoa, que há trinta anos coleciona histórias de vida de pessoas comuns (virtual e colaborativo, seu acervo é produzido por pessoas que querem contar suas próprias histórias); museus que se organizam a partir do amor, ou do desamor, como o caso do Museu dos Corações Partidos, na Croácia, com uma coleção formada por objetos que representam o fim de relações amorosas.

E ainda, um museu que poderíamos caracterizar como ficcional, como é o caso do Museu da Inocência, na Turquia, organizado a partir do romance homônimo, escrito por Orhan Pamuk. Criado pelo próprio autor do romance, o museu apresenta vitrines organizadas como os capítulos da obra.

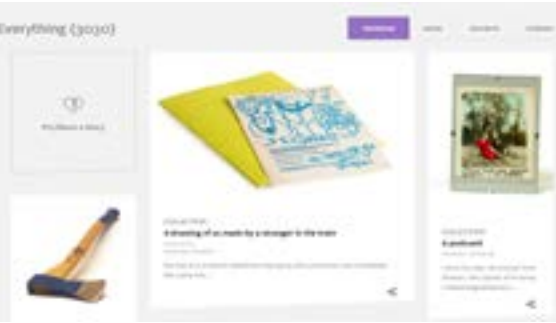
Outro exemplo é o Museu das Coisas Banais, uma iniciativa que mobiliza a participação das pessoas pelo afeto a seus objetos cotidianos.

O Museu das Coisas Banais, ou MCB, foi criado em 2014, como um projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Curso de Museologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Pelotas, RS. Desde então, legitimou-se como uma instituição virtual que busca “preservar e compartilhar as memórias de toda e qualquer pessoa, por meio de seus objetos biográficos, objetos esses que acompanham a vida dos sujeitos e adquirem valor afetivo” (CHAVES, 2020, p.53).

Diante disso, o MCB propõe-se a discutir e abrir espaço para que objetos considerados banais, cotidianos, pertencentes a pessoas comuns se tornem passíveis de musealização. Ou seja, como portadores de memórias que são, tenham espaço nessa instituição tradicional denominada museu.



Museu da Pessoa
<https://museudapessoa.org/>



Museum of Broken Relationships
<https://brokenships.com/>



Museu das Coisas Banais
<https://musedascoisasbanais.com.br/acervo/pessoas/>

PARA ASSISTIR

Para se divertir um pouquinho aproveitando o debate sobre patrimônio, museus, objetos e corações partidos, fica a dica da comédia romântica “A galeria dos corações partidos”, Natalie Krinsky, 2021, 1h53min.

Ainda um exemplo que temos bem pertinho de nós, em Minas Gerais, é o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), inaugurado em 2012. O museu se configura em um espaço relacional com capela, cozinha e se estende ao jardim de ervas para fazer chás que, em eventos e reuniões, são ofertados à comunidade.

O Muquifu se define como um **museu comunitário**, instrumento que contribui para a construção da perspectiva de coletividade. Esse é um tipo de museu alinhado às premissas da museologia social. Segundo Gonçalves (2021, n.p.):

A museologia social, vinda da nova museologia, democratiza os espaços museais, ampliando os modos de pensar e fazer museus, expandindo e qualificando as participações, decolonizando o pensamento museológico e a práxis museal, trazendo a público histórias e memórias ofuscadas, silenciadas e apagadas pela história oficial.

Trata-se de espaço de acolhimento e salvaguarda das tradições do Morro do Papagaio e de outras favelas de Belo Horizonte. Segundo Pe. Mauro Luiz da Silva, doutor em Ciências Sociais e curador do

Muquifu desde a sua fundação, todo o acervo, constituído por fotografias e diversos objetos, foi doado por pessoas da própria comunidade e também de outras vilas da capital mineira. As doações ocorrem de forma contínua e esse movimento realça a vivacidade do museu e seu permanente processo de construção.³

Os moradores do entorno desempenham presença ativa nos espaços expositivos do Muquifu. As mostras temporárias abordam as pessoas do lugar, seus costumes e suas histórias e, como eixo central, formulam o convite à reflexão sobre as relações sociais, de trabalho, de gênero e étnico-raciais.

Museus comunitários escutam e preservam as histórias da comunidade e, nesse sentido, promovem o estabelecimento de vínculos afetivos e de pertencimento com as pessoas que vivem em seu entorno. Para Hugues de Varine (2013), estudioso do tema, o museu comunitário “não contém o patrimônio, ele é o patrimônio. É um lugar caloroso, um fórum de debates e de contestação” (VARINE, 2013, p. 192).



Muquifu
<https://www.instagram.com/muquifu?igsh=Zjj2NzJudDRueGZj>

Foto: Alessandro Trigger
Fonte: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/places/muquifu-museum-of-urban-quilombos-and-favelas/>

³ Informações fornecidas pelo curador do Muquifu, Pe. Mauro Luiz da Silva, em conversa por telefone, em 11/5/2024.

O que você achou das propostas dos museus que foram apresentados aqui?



Use a imaginação para criar você também um museu. Que tipo de museu seria? Quais objetos seriam preservados e expostos? Que história ele contaria?



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL AFETIVA (EPA)

A **Educação Patrimonial Afetiva (EPA)** é a abordagem de educação patrimonial abraçada pelo Programa Educativo Iphan+80. Essa abordagem enfatiza não apenas a preservação e o estudo do patrimônio cultural, mas o reconhecimento do vínculo emocional e afetivo entre as comunidades e o seu patrimônio.

Reconhece, igualmente, o envolvimento profundo das pessoas com os seus bens culturais, considerando, em primeiro lugar, o que está dentro: a essência de cada um como o centro irradiador de um olhar que estabelece relações de afeto com o mundo ao redor.

A Educação Patrimonial Afetiva (EPA) pode ser implementada de diversas formas:

- Por meio do compartilhamento de narrativas pessoais e familiares, incentivando as pessoas a rememorar e contar suas próprias histórias de vida;
- Estimulando as pessoas a experimentarem o patrimônio por meio de todos os sentidos, não apenas da visão, o que pode incluir atividades como escutar músicas tradicionais, degustar pratos típicos, sentir texturas de materiais históricos, entre outros;
- Pela participação ativa em atividades relacionadas ao patrimônio, como oficinas de artesanato tradicional, danças folclóricas, festivais culturais e projetos de conservação e restauração;
- Promovendo espaços de diálogo em que as pessoas possam debater questões relacionadas ao patrimônio, compartilhando opiniões e perspectivas e, o mais importante:
- Lembrando que o patrimônio começa é dentro da gente e não fora. E que muito antes do prédio tombado, da festa registrada, da área de preservação ambiental de nossa cidade, o nosso patrimônio pessoal está em primeiro lugar!

Só nosso e de mais ninguém!



CAIXA DE PENSAMENTO

Luísa Molina (2017, p. 17)

Toda cidade é viva e tem uma pele – toque-a.
Percorra-a. Deixe-se invadir pelas suas
contradições, pelas marcas que o
tempo cravou em seu corpo, pelos nomes
que ela sussurra, pelo seu hálito.
Toda cidade guarda perguntas.
É preciso encontrá-las, fazê-las reluzir ao
sol de um fim de tarde, ecoar pelas paredes
das casas abandonadas, pendurar-se nos
postes com as pipas das crianças,
fundir-se ao murmúrio dos velinhos
sentados nas calçadas.

Vamos listar nossos patrimônios pessoais?
Que tal fazer essa lista de forma diferente?
Você pode usar o desenho, a palavra ou ambos.
Como você representaria esse conjunto de
bens pessoais só seu?

ESCREVIVÊNCIAS CONSTRUÇÕES NARRATIVAS SOBRE SI

Hoje há um movimento de se pensar que nós podemos inclusive ser musas da nossa própria história.
Conceição Evaristo (2020b, n.p.)

Percorremos um longo caminho até aqui. No percurso, refletimos sobre memória, identidade, cidade, corpo e patrimônio, compreendido em sua dimensão afetiva, como algo que vem de dentro. Nesse sentido, nossas histórias são bens preciosos, constituindo nosso patrimônio que merece ser registrado por meio de **escrevivências**.

Criado pela professora doutora, escritora e imortal da Academia Mineira de Letras, **Conceição Evaristo**, mineira de Belo Horizonte e radicada no Rio de Janeiro, o termo “escrevivência” traz a junção das palavras “escrever e vivência” e aponta para uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças e das experiências vividas.

Conceição Evaristo compartilha seu pensamento sobre o conceito de escrevivência, desenvolvido por ela há mais de 25 anos:



Conceição Evaristo
Foto: Leo Martins

Quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (EVARISTO, 2020b, n.p.).

O texto a seguir, uma transcrição de manuscritos de Conceição Evaristo (2018, n.p.), exemplifica o exercício da escrevivência e aponta a sua gênese:

Minha escrevivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de vinte anos e das lembranças que ainda guardo de Minas. Vem dessa pele - memória - história passada presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança.

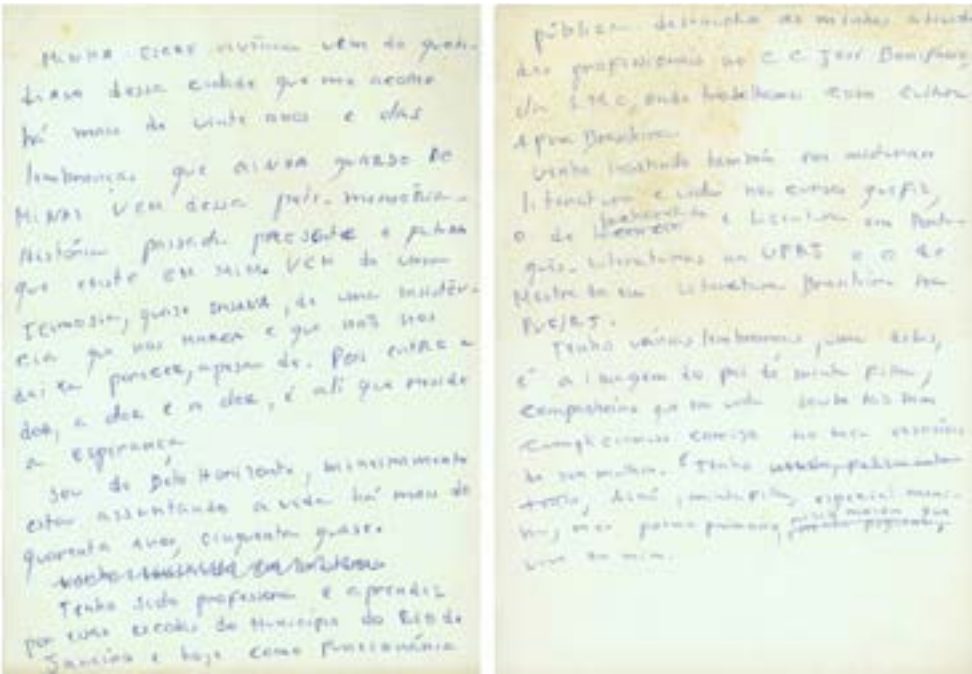
Sou de Belo Horizonte, mineiramente estou assuntando a vida há mais de quarenta anos, cinquenta quase.

Tenho sido professora do município do Rio de Janeiro e hoje como funcionária pública desenvolvo as minhas atividades profissionais no C.C. José Bonifácio, da SMC, onde trabalhamos com Cultura Afro-Brasileira.

Venho insistindo também em misturar literatura e vida nos cursos que fiz, o de bacharelado e licenciatura em Português - Literaturas na UFRJ e o de mestrado em Literatura Brasileira na PUC/RJ.

Tenho várias lembranças, uma delas, é a imagem do pai de minha filha, companheiro que em vida soube tão bem cumpliciar-se comigo no meu exercício de ser mulher. E tenho Aindá, minha filha, especial menina, meu primeiro poema, razão maior que vive em mim.

(Transcrição disponível em “Escrevivência, escrever, viver e ser”, 2018.
<http://premioledamariamartins.com/index.php/escrevivencia-escrever-viver-se-ver-2018/>)



Manuscritos de Conceição Evaristo
Fonte: <http://premioledamariamartins.com/index.php/escrevivencia-escrever-viver-se-ver-2018/>

A escrevivência, como um exercício de rememorar, nos coloca em movimento para contar nossas histórias. Como vimos, a memória é também coletiva. Carregamos em nossa bagagem individual o legado das experiências em coletividade.

Para experimentar esse tipo de escrita, Conceição Evaristo nos convida a assumir o papel de observadores das nossas travessias, leitores e leitoras de nossas próprias peles.

A pele é um tema caro à Conceição Evaristo. Para ela, deveríamos aprender a interpretar os sinais guardados e expostos em nossa própria pele. A pele tem memória e uma voz que apenas nós ouvimos. Para a escritora, na pele, muitas escritas

se gravam e se acumulam. Escritas de resistências, resignações e resiliências.

A pele é um órgão. O mais extenso órgão do corpo humano. É, ao mesmo tempo, limite e fronteira. Segundo Pallasmaa, “Nosso contato com o mundo se dá na linha divisória de nossas identidades pessoais, pelas partes especializadas de nossa membrana de revestimento” (2009, p. 10).

Pele é camada de proteção e superfície de contato sem ser, no entanto, superficial. Como escreveu o poeta e escritor francês Paul Valéry (1871-1945), “O que há de mais profundo no homem, como ele sabe, é a pele” (VALÉRY, 1988, n.p. tradução nossa⁴).

CAIXA
DE MÚSICA

ALMA
Zélia Duncan (2001)

Alma
Deixa eu ver sua alma
A epiderme da alma
Superfície

Alma
Deixa eu tocar sua alma
Com a superfície da palma
Da minha mão
Superfície

⁴ Do original, em espanhol: Lo más profundo que hay en el hombre, como él sabe es la piel.

O que a sua pele conta sobre você? Que tal experimentar a escrevivência como propõe Conceição Evaristo?

A proposta é se distanciar virtualmente do marco do nascimento biológico. É uma busca para reconhecer um momento simbólico de outros nascimentos.

Podemos fechar os olhos e sobrevoar nossa trajetória avistando outros nasceres: momentos significativos para nossa vida pessoal, profissional, afetiva.

Respire fundo, observe novamente suas mãos, aproxime-se dos detalhes de sua pele, pelos, poros, delicadezas, fragilidades e forças.

Numa folha solta, desenvolva então a sua escrevivência, começando assim:

Minha pele conta...



O exercício da escrevivência foi um convite para pausar as horas e olhar para si mesmo com a delicadeza e o cuidado de quem está diante de um bem precioso. Refletir sobre sua trajetória, o que e quem lhe trouxe até aqui, e enfim transformar essa matéria-prima em narrativa de si, um exercício profundo de se contar e, assim, também contar um pouco sobre os que vieram antes de você.

Que tal transformar sua narrativa em arte? A palavra que se torna pintura, colagem, desenho, bordado; que se torna movimento, que se torna tecido-pele. Escrevivências transmutadas em capas vestíveis, inspiradas nos Parangolés do artista Hélio Oiticica e que se tornam o parangolé de Maria, Luciana, José, Mariana, Marcelo...

Sugestão de Ação Educativa

“Sessão de cinema: nossas narrativas”

Ao final do Caderno do Professor, a partir da página 52, você encontrará algumas sugestões de ações educativas. Uma delas, “Sessão de cinema: nossas narrativas”, refere-se a esta seção e poderá ser utilizada ou adaptada por você.

PALAVRA, CORPO, AÇÃO - PARANGOLÉS

Incorporação do corpo na obra e da obra no corpo.

Hélio Oiticica (1966)

Na gíria carioca dos anos 1950, parangolé era sinônimo de conversa fiada, astúcia ou esperteza. Foi pelas ruas do Rio de Janeiro que o artista visual brasileiro **Hélio Oiticica** (1937-1980) se esbarrou com a palavra parangolé escrita em uma placa fixada num abrigo construído por uma pessoa em situação de rua que dizia: *Aqui é o Parangolé*.



Fonte: <https://riomemorias.com.br/memoria/helio-oiticica-na-mangueira/>

“**Parangolés**” é um trabalho artístico de Hélio Oiticica desenvolvido em série a partir de 1965. O artista se inspirou no encontro com a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro, na experiência com o movimento da dança, especificamente o samba, e na reflexão acerca da relação com a cor e com o espaço. A obra é participativa por natureza: só existe se as pessoas “vestirem” o parangolé e o experimentarem.

Nesse sentido, explora a relação dialógica entre corpo e arte e questiona os conceitos preestabelecidos que determinam o papel do espectador diante da obra artística. Ao usar os parangolés, as pessoas deixam de ser meros espectadores e se integram à obra, fazendo parte dela. O participante torna-se um ativador, entregando à obra sua própria estrutura física e vitalidade. O parangolé é movimento e quem executa esse movimento é o participante.

Em si, os parangolés são tecidos, plásticos ou lonas que podem ser presos ao corpo como se fossem capas ou de outra maneira, de acordo com o desejo da pessoa envolvida na experiência. No conceito da obra de Hélio Oiticica, quando vestidos, os parangolés podem enaltecer a liberdade de movimento dos corpos, sendo usados para dançar, para correr ou de outras formas.

No conjunto da produção artística de Oiticica, os parangolés podem ser interpretados como um deslocamento para a rua, para o cotidiano como ele é, encontro com a coletividade, onde a vida acontece e novos ritos para a convivência são inventados. Dedicado também à escrita, Hélio Oiticica deixou um vasto acervo de textos reflexivos sobre o próprio trabalho. Em um texto datado de 25 de novembro de 1965, ele escreve o seguinte:

A ação é a pura manifestação expressiva da obra. A ideia da “capa”, posterior à do estandarte, já consolida mais esse ponto de vista: o espectador “veste” a capa, que se constitui de camadas de pano de cor que se revelam à medida em que este se movimenta correndo ou dançando. A obra requer aí a participação corporal direta; além de revestir o corpo, pede que este se movimente, que dance em última análise. O próprio “ato de vestir” a obra já implica numa transmutação expressivo-corporal do espectador, característica primordial da dança, sua primeira condição (OITICICA, 1965).

Segundo as orientações do artista, as capas devem ser estruturadas no corpo, da seguinte forma:

Cada pedaço de pano deve medir 2,74 x 1,80. Para fazer a capa, o pano não deve ser cortado, alfinetes de fralda devem ser usados na construção e depois o pano pode ser costurado para fazer a capa permanente. A estrutura construída no corpo deve ser improvisada pelo próprio participante, se precisar de ajuda de outra pessoa, ok e feita de forma que possa ser retirada. Algumas pessoas podem participar juntas, mas uma só cor, ou seja, um só pedaço de pano deve ser usado para cada capa (OITICICA, 1965).



Nininha da Mangueira vestindo “P 25 Parangolé capa 21 Xoxoba”, 1968, de Hélio Oiticica, durante as filmagens de “H.O.”, de Ivan Cardoso, 1979. Foto: Andreas Valentim. Fonte: <https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/>



Nildo da Mangueira vestindo “P 15 Parangolé capa 11 – Incorporo a revolta”, 1967, de Hélio Oiticica. Foto: Claudio Oiticica, circa 1968. Fonte: <https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/>

Inclusive, como podemos ver nas imagens, o artista fazia uso de palavras em sua obra:

Regularmente, Oiticica imprimia palavras e expressões nas capas-Parangolés. Assim, ele dava continuidade à prática de usar a linguagem escrita nas suas obras. O artista produzia frases de grande efeito [...] Essas frases não forneciam o significado da proposição; durante a performance, elas catalisam as energias dispersas, conectando a subjetividade do espectador com o contexto (SILVA, 2018, p. 308-309).

Como vimos, na concepção de Hélio Oiticica, a participação das pessoas na ação artística proposta pela manipulação e uso dos parangolés era fundamental para que a obra ganhasse vida.

Vamos criar parangolés a partir de nossas escritvivências?

Usando os tecidos e materiais disponíveis e seguindo as instruções deixadas pelo artista, vamos construir nossos parangolés e neles escrever, desenhar, pintar, colar, enfim, intervir lançando mão de palavras e frases significativas, mas também de outros elementos que representem nossas identidades e histórias vividas, unindo a técnica da escritvivência, de Conceição Evaristo, às cores e movimentos dos parangolés, de Hélio Oiticica.

A elaboração dos parangolés será organizada em três etapas:

Primeiro olhe o seu trabalho “mãos-identidade”, produzido no tecido. A partir dele, releia a sua escritvivência destacando palavras-chave ou escrevendo novas palavras, versos ou frases que sintetizem o que você registrou ali.

Vale desenhar também!

Com as palavras e/ou desenhos colecionados, vamos para a segunda etapa: a construção do parangolé.

No tecido escolhido, desenhando e/ou escrevendo, expresse a síntese de sua escritvivência. Você pode também anexar objetos, retalhos, fotos etc. Desde que represente você e se conecte com sua escritvivência, todo tipo de expressão é bem-vinda.

Agora estruture seu parangolé no próprio corpo sem dar nós, usando apenas alfinetes, fitas, barbantes. Se necessário, peça ajuda a alguém.

Na terceira etapa, vamos experimentar nossos parangolés! Dançar, movimentar, correr, brincar, enfim, sentir como é vestir nossas vivências.

Em seguida, responda:

O que o seu parangolé coloca em movimento?



Como ele afeta você?



O que ele transforma?



Sugestão de Ação Educativa

“Cine brinquedo e brincadeiras” e “Bailinho na escola”

Ao final do Caderno do Professor, a partir da página 52, você encontrará algumas sugestões de ações educativas. Duas delas, “Cine brinquedo e brincadeiras” e “Bailinho na escola”, referem-se a esta seção e poderão ser utilizadas ou adaptadas por você.

Em nosso tempo e cotidiano, somos atravessados por estímulos de diversas naturezas: midiáticas, políticas, econômicas, afetivas, estéticas. Contudo, nossas leituras de mundo podem nos levar a interpretar e sentir a realidade de forma menos compartimentada. O que nos leva a crer que, se tudo não está integrado definitivamente, as integrações são possíveis e podemos criá-las. Nós, do **Programa Educativo Iphan+80**, acreditamos que oportunidades de invenção e experimentação das múltiplas formas de expressões artísticas possam nos apoiar nesse caminho de integração, potencializando nossas práticas como educadores na dimensão social e nutrindo nossa perspectiva crítica e emancipatória.

Lembra-se do convite?

*se você vier
pro que der e vier
com a gente...*

Que bom que você aceitou!

Que bom que tivemos a oportunidade de dançar juntos, compartilhar ideias, sentir nossas presenças, olhar dentro dos nossos olhos, tomar um café, rir bastante e chorar um pouco também.

Passamos pela apresentação do projeto **Programa Educativo Iphan+80** e do próprio **Caderno do Professor**, ouvimos várias músicas legais, declamamos poesias, conhecemos as potencialidades da dança circular na educação, falamos sobre conceitos-chave, como memória, identidade e patrimônio (nosso patrimônio querido, aquele só nosso...).

Conhecemos o Guilherme Augusto Araújo Fernandes e a dona Antônia, refletimos sobre a relação entre memória e identidade, corpo e cidade. Lembramos o que é inventário, tombamento e registro, mas ficamos encantados mesmo foi com o Patrimônio Vivo!

EPA! Batizamos a abordagem mais carinhosa de educação patrimonial de todos os tempos, a Educação Patrimonial Afetiva, nossa escolha no projeto e para sempre.

Mergulhamos no universo dos museus e da nova museologia, fizemos algumas atividades práticas com objetos na “cesta de memórias” e passamos até mesmo a questionar o conceito de patrimônio, que defendemos trocar por fratrimônio!

Isso mesmo, fra-tri-mô-ni-o, como os que foram retratados pela artista Anna Göbel nas ilustrações presentes aqui.

Nessa toada, não poderíamos deixar de falar de Paulo Freire e de seu legado para a educação e a cultura, com ênfase no seu método de alfabetização de adultos, que tem como matéria-prima principal a palavra geradora, mas também a imagem geradora, a arte, as visualidades cotidianas... Passeando de mãos dadas com Paulo, que contava suas lembranças de menino, sendo alfabetizado pelos pais à sombra de uma mangueira, encontramos também o olhar observador da menina Conceição, vendo sua mãe, de cócoras, desenhar um sol no chão: grafia-desenho, para espantar a chuva e garantir o pão.

Conhecemos o trabalho do artista brasileiro contemporâneo Jonathas de Andrade, que dialoga com Paulo Freire a partir de um conjunto de cartazes que sua mãe utilizava quando era professora. Que patrimônio!

Encontrando novamente Conceição, escrevemos nossas próprias escritas. Entusiasmados com os parangolés do Hélio, criamos os nossos e, com eles, fomos pra rua: vestindo palavras-imagens que escolhemos para o nosso manto-pele-parangolé-estandarte.

Nessa hora, tem o Parangolé Pamplona, que é bem convidativo. Em seguida, tem a Serra do Luar, pois quem escolheu estar conosco já percebeu que

*Tudo é uma questão de manter
A mente quieta
A espinha ereta
E o coração tranquilo.
De dentro pra fora
De fora pra dentro.*

CAIXA DE MÚSICA

**SERRA DO LUAR/CORAÇÃO TRANQUILO
Walter Rosciano Franco (1981)**



Amor, vim te buscar
Em pensamento
Cheguei agora no vento
Amor, não chora de sofrimento
Cheguei agora no vento
Eu só voltei pra te contar
Viajei, fui pra Serra do Luar
Eu mergulhei, ah!
Eu quis voar
Agora vem, vem pra terra descansar
Viver é afinar o instrumento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, a todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, a todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
Amor, vim te buscar
Em pensamento
Cheguei agora no vento
Amor, não chora de sofrimento
Cheguei agora no vento
Eu só voltei pra te contar
Viajei, fui pra Serra do Luar
Eu mergulhei, ah!

Eu quis voar
Agora vem, vem pra terra descansar
Viver é afinar o instrumento, de dentro
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, a todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, a todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
Tudo é uma questão de manter
A mente quieta
A espinha ereta
E o coração tranquilo
Tudo é uma questão de manter
A mente quieta
A espinha ereta
E o coração tranquilo
A toda hora, a todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, a todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro, oh!

CAIXA DE DANÇA

**VIM TE BUSCAR
Coreografia de Andréia
De Bernardi**



SUGESTÕES DE AÇÕES EDUCATIVAS COM O PATRIMÔNIO CULTURAL

Caros multiplicadores,

É com alegria que compartilhamos com vocês uma compacta série de ações educativas desenvolvidas por nós. Fruto de pesquisas e intensas trocas de ideias, as proposições perpassam os conteúdos apresentados no **Caderno do Professor** e se revestem com suas tonalidades. São desdobramentos da história e do pensamento de homens e mulheres que, convidados por nós, simbolicamente, seguram nossas mãos para que possamos segurar outras mais e, assim, nos fortalecermos na caminhada.

Carregam em si a energia ancestral da dança, o movimento colorido de tecidos esvoaçantes, o gesto caligráfico que surge do fundo da pele, a singela sugestão das coisas visíveis que ouvimos nas músicas e, até mesmo, a inusitada beleza dos objetos inúteis.

Criando cartazes com Paulo e Jonathas

A proposta de atividade presente na seção “A importância do ato de ler a palavra, o mundo, a ‘palavramundo’”, na página 18, foi inspirada na obra “Educação para Adultos”, do artista brasileiro Jonathas de Andrade, que, por sua vez, foi inspirada nos cartazes utilizados por Paulo Freire.

Adaptável a quaisquer níveis de ensino ou faixa etária, a mesma atividade pode ser realizada por meio da colagem, desenho, pintura, fotografia, entre outras técnicas artísticas. Pode ser desenvolvida com grupos de estudantes na escola ou em outros territórios da educação não formal.

Ao final, pode-se montar a exposição dos cartazes produzidos e abrir uma roda de compartilhamento. O objetivo é estimular o pensamento simbólico por

É o propósito desta partilha proporcionar o fazer alinhado ao inventar, ao descobrir, e de novo fazer até ficar diferente e ganhar outro nome, alcançando mais gente. Desejamos que as ações sejam apropriadas por vocês e que recebam novas camadas de sentido em suas práticas.

A partir deste ponto, as sugestões de ações educativas apresentadas são complementares e se referem a momentos específicos do **Caderno do Professor**, podendo ser implementadas com seus pares e grupos ou adaptadas para outros contextos e territórios educativos.

Que seja inspiração e transpiração!

meio da construção de cartazes que, lançando mão do diálogo entre palavra e imagem, podem criar novas narrativas e provocar reflexões.

Para saber mais sobre Jonathas de Andrade e a obra “Educação para Adultos”, visite: <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/educacao-para-adultos>

Materiais necessários:
Imagens diversas (sendo que os participantes podem trazer suas próprias imagens, como recortes e fotografias que sejam atrativos para eles de alguma maneira), papel A4, canetões para escrever a palavra, cola bastão, tesoura e fita crepe para colar os cartazes na hora da exposição.

Catador de patrimônios inúteis

A proposta de atividade presente na seção “A memória é uma ilha de edição”, na página 31, foi inspirada no poema “O Catador”, de Manoel de Barros (2010), que brinca com a ideia dos “patrimônios inúteis da humanidade”.

A proposta de desdobramento objetiva evidenciar que a preservação do patrimônio cultural pelo Estado é fruto de uma seleção que pode fazer sentido para alguns grupos, mas para outros não. Ao final, os participantes poderão responder à pergunta: patrimônios inúteis para quem?

Para começar, leia o poema:

O Catador
Manoel de Barros (2010)

*Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais - o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Cataram coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.*

Catar significa buscar, recolher, examinar atentamente. Após ler o poema, que tal brincar de ser “o catador” de “patrimônios inúteis”?

Leia o poema em voz alta. Em seguida, promova a seguinte brincadeira com os estudantes: cada um deverá levar para a sala de aula um objeto que considera inútil, mas que precisa ser preservado.

Os estudantes deverão elaborar uma pequena justificativa, explicando por que é importante preservar a “coisa inútil” que escolheu. Depois que todos finalizarem a escolha e elaborarem a justificativa individual, é hora de compartilhar. Organize a turma em semicírculo. Cada estudante deverá se levantar e apresentar o seu “objeto inútil” e a justificativa para a sua preservação. Em seguida, os estudantes votarão pela preservação, ou não, do “objeto inútil” apresentado. Um estudante será escolhido para anotar no quadro a lista do “patrimônio inútil” da turma.

Materiais necessários:
Objetos diversos trazidos pelos estudantes, quadro e marcador para quadro-branco ou giz.

Sessão de Cinema: nossas narrativas

A proposta de atividade presente na seção “Escrevivências - Construções narrativas sobre si”, na página 42, se baseia na técnica das escrevivências criada pela professora e escritora mineira Conceição Evaristo.

Evaristo valoriza fortemente a oralidade em seus escritos. A linguagem oral é potencializada em seus textos, tornando a professora uma grande contadora de histórias. O cinema, por sua vez, conta histórias com imagens, sons e movimento. Por isso, é um grande aliado para proposições criativas na escola. Portanto, unir cinema e o ato de contar nossas próprias histórias pode ser um exercício potente!

Selecionamos dois filmes para a ação educativa “Sessão de cinema: nossas narrativas”. O primeiro, **“Últimas Conversas”** (2014), indicamos para jovens e adolescentes, e o segundo, **“Lé com Cré”** (2016), para crianças. O convite é explorar os saberes e as percepções dos estudantes.

Em “Últimas Conversas (2014)”, o cineasta Eduardo Coutinho entrevista estudantes do ensino médio de escolas públicas do Rio de Janeiro, investigando seus olhares sobre suas vidas no presente e as imaginações e desejos para o futuro.



O trailer do filme “Últimas Conversas” está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=-MQBpKePw54>

O filme pode ser compreendido como espaço de escuta e acolhimento para a voz e o pensamento das juventudes, que enfrentam os desafios da transição para a vida adulta. Os estudantes que participaram do documentário compartilharam histórias que são atravessadas por questões sociais contemporâneas, tais como: intolerância religiosa, racismo, desigualdade de oportunidades, equidade de gênero e violências em suas diversas formas. Por mais provocadores que os temas sejam, os jovens e adolescentes mantêm a esperança na construção de uma jornada digna e justa.

A partir dessa ambiência, proponha uma roda de conversa que estimule o olhar e a percepção dos estudantes sobre si mesmos, incentivando-os a refletir sobre o seu estar no mundo para o desenvolvimento de um projeto de vida que possa auxiliá-los na organização de seus anseios a médio e longo prazo. Como estamos falando de cinema, sugerimos o registro da roda de conversa em audiovisual, usando celulares ou outros equipamentos disponíveis na escola.

“Lé com Cré” (2016) é uma animação em curta-metragem de Cassandra Reis e apresenta entrevistas com sete crianças sobre três temas: medo, dinheiro e coisas de menina e de menino. As crianças são representadas por personagens que elas escolheram, como um elefante e uma princesa. Os temas são apresentados tendo as crianças como protagonistas com seus discursos próprios.

Após a sessão, que tal realizar uma produção audiovisual com a turma?

Inicie com o debate sobre o que viram e sentiram. Depois, proponha o seguinte cronograma em quatro etapas para a produção audiovisual:

1. Definição de funções (roteiristas, entrevistados, entrevistadores, cinegrafista e editores);
2. Criação do roteiro e das perguntas para as entrevistas;
3. Filmagem e edição;
4. Exibição!

O objetivo é possibilitar o reconhecimento da importância do trabalho coletivo, distribuição de tarefas e responsabilidades e o estímulo para inventar e contar boas histórias!



O filme “Lé com Cré” está disponível no link: <https://youtu.be/x9DTQ8Xf3jo?feature=shared>

Cine brinquedo e brincadeiras

A proposta de atividade “Cine brinquedo e brincadeiras” se baseia na seção “Palavra, corpo, ação - Parangolés”, na página 46.

O brincar e a ludicidade são componentes que dão vida aos parangolés. Assim, propomos uma sessão de cinema com a série de vídeos “Território do Brincar” (2016), disponível no canal do YouTube: <http://www.youtube.com/@TerritoriodoBrincar>

Na série, os documentaristas Renata Meirelles e David Reeks percorrem o Brasil, registrando brincadeiras em comunidades urbanas, rurais, indígenas e quilombolas. As crianças apresentam o seu jeito de brincar individual ou coletivamente, usando o próprio corpo ou elementos do cotidiano. Somos convidados pelos vídeos a brincar e criar brincadeiras usando elementos comuns, como papelão ou folhas de papel, e materiais inusitados, como tampinhas de detergente.

No canal do Território do Brincar, no YouTube, há vários vídeos para você se inspirar e assistir com seus grupos. Para começar, sugerimos três: “Pião de tampinha de detergente”, brincadeira de Tabão da Serra, em São Paulo; “Caretas de Papelão” e “Bicudas: pipas de papel”, estas últimas de Acupe, na Bahia (links acima).



Fonte: <https://territoriodobrincar.com.br/>

Bailinho na escola

A proposta de atividade presente na seção “Palavra, corpo, ação - Parangolés”, na página 46, foi baseada nos “Parangolés”, de Hélio Oiticica, e na técnica das escritas, de Conceição Evaristo. Aqui a proposta de desdobramento se abre para estimular os movimentos corporais por meio da dança e o registro das sensações por meio da palavra escrita. Com devidos ajustes que favoreçam a sua aplicação, a atividade pode ser desenvolvida com diversas faixas etárias e níveis de ensino. Inspirado na música “Parangolé Pamplona”, de Adriana Calcanhotto, cuja letra e QR Code para o Spotify se encontram abaixo, que tal sugerir um bailinho na escola? O objetivo é promover reflexões sobre a expressividade dos movimentos corporais por meio do ato de dançar e como nos percebemos na coletividade. O registro das sensações e reflexões provenientes do ato da dança colocam linguagem, palavra e gesto em sintonia. Para começar, prepare a sala de aula ou outro ambiente, deixando espaço aberto para os corpos se movimentarem. Receba os estudantes com o som ligado para todos entrarem no clima. Vamos iniciar com a música. Ela é bem dançante!

CAIXA DE MÚSICA

PARANGOLÉ PAMPLONA
Adriana Calcanhotto (1998)

O parangolé pamplona você mesmo faz
O parangolé pamplona a gente mesmo faz
Com um retângulo de pano de uma cor só
E é só dançar
E é só deixar a cor tomar conta do ar
Verde
Rosa
Branco no branco no preto nu
Branco no branco no preto nu
O parangolé pamplona
Faça você mesmo
E quando o couro come
É só pegar carona
Laranja
Vermelho
Para o espaço estandarte
Para o êxtase asa-delta
Para o delírio, porta aberta
Pleno ar
Puro hélio
Mas o parangolé pamplona você mesmo faz
O parangolé pamplona a gente mesmo faz
O parangolé pamplona você mesmo faz
O parangolé pamplona a gente mesmo faz
O parangolé pamplona você mesmo faz
Com um retângulo de pano de uma cor só

E é só dançar
E é só deixar a cor tomar conta do ar
Verde
Rosa
Branco no branco no preto nu
Branco no branco no preto nu
O parangolé pamplona
Faça você mesmo
E quando o couro come
É só pegar carona
Laranja
Vermelho
Para o espaço estandarte
Para o êxtase asa-delta
Para o delírio, porta aberta
Pleno ar
Puro hélio
Mas o parangolé pamplona você mesmo faz
O parangolé pamplona a gente mesmo faz
O parangolé pamplona você mesmo faz
O parangolé pamplona a gente mesmo faz
O parangolé pamplona você mesmo faz.

Diga aos estudantes que o convite é para dançarem de forma livre, como quiserem! Pois, como o artista Hélio Oiticica nos convida, se expressar com liberdade, fundindo corpo-ideia-movimento, é o mote!

Após a experiência de ouvir e dançar, proponha um momento de relaxamento de cinco minutos. Peça que todos se deitem no chão em silêncio, de olhos fechados, e reflitam sobre o que fizeram e sentiram. Quando o tempo se encerrar, peça aos estudantes que se sentem em roda e faça algumas perguntas sobre a experiência que tiveram.

Preparamos algumas, como sugestão:
Tem “hora certa” para dançar?
O que vocês sentiram enquanto dançavam?
O que essa experiência fez vocês se lembrarem?
O que vocês estão sentindo agora?

Eles deverão responder em voz alta e anotar as respostas no quadro, formando a nuvem de palavras do “Bailinho na escola”.

Quem sabe essa mesma nuvem de palavras não se transforme em um rap no futuro?



Referências

ARAÚJO, Pedro Simon G.; RIBEIRO, Rousejanny da Silva Ferreira Fausto. Corpo, Memória e Cidade: a partilha do lugar comum. **FAP Revista Científica de Artes**, ago. 2020, p. 139-153.

BARROS, Manoel de. O Catador. **Manoel de Barros** - Poesia Completa. Lisboa/Portugal: Editora Leya, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 10 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de março de 2017. Seção 1, p. 68.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAES, A et. alli. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 347-360.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal**: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Giberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CHAVES, Rafael Teixeira. **Cibermusealização**: estudo de caso do Museu Virtual das Coisas Banais da Universidade Federal de Pelotas/RS. 136 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

CICERO, Antonio. Guardar. **Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996, p. 337.

CONZ, Rosely; VITIELLO, Julia Ziviani. A criação em cena- memórias, percepções e imagens que emergem do corpo que dança. **Revista aSPAs**, USP - São Paulo, p. 58 - 65, dez. 2012.

CORALINA, Cora. **O prato azul-pombinho**. 4 ed. São Paulo: Global, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: escrever, viver, se ver**. Prêmio Leda Maria Martins, 2018. Disponível em: <<http://premioledamariamartins.com/index.php/escrevivencia-escrever-viver-se-ver-2018/>>Acesso em: 05 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In.: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a, pp. 48-57.

EVARISTO, Conceição. **CONCEIÇÃO EVARISTO - “A escritvência serve também para as pessoas pensarem”**. [Entrevista concedida a] Alecsandra Zapparoli e Tayrine Santana. Itaúsocial, 9 nov. 2020b. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> Acesso em: 05 de abr. de 2024

FERREIRA, Marieta Morais. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes**, v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O **patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Ilustrações de Julie Vivas. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GONÇALVES, Leonardo Giovane Moreira. **Nova Museologia, Museologia Social e colaboração**: em discussão o museu dos assentamentos de reforma agrária de Rosana. (São Paulo, Brasil). 198 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Museologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

MENEZES, Ulpiano. O museu e o problema do conhecimento. **Anais do IV Seminário sobre museus-casas: pesquisa e documentação**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. p. 17-39.

MINOM. Declaración de Córdoba. **XVIII Conferencia Internacional de MINOM**. La museología que no sirve para la vida, no sirve para nada. Córdoba/Argentina, 2017.

MOLINA, Luísa. **A pele das cidades**. Fotografia Rinaldo Morelli. Brasília, DF: Edição do autor, 2017.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n.53, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrvkWDkdVR4VPskmLJ/?lang=pt>>. Acesso em: 05 abr. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUINTANA, Mário. Jardim interior. **A cor do invisível**. São Paulo: Globo, 2005.

RAMOS, Renata. O início da dança circular no Brasil: sinto que estamos esquecendo as origens do movimento dança circular... Vamos retomar! **Dança Circular**, 2014. Disponível em: <https://dancacircular.com.br/artigos/36/o-inicio-da-danca-circular-no-brasil>. Acesso em: 16 jun 2024.

SILVA, Renato Rodrigues da. O Parangolé de Hélio Oiticica e a arte da transgressão. **Concinnitas**, ano 19, v.1, n.35, ago. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/download/36517/25875/121531>> Acesso em: 05 abr. 2024.

VALÉRY, Paul. **La idea fija**. Madri: Visor, 1988.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Medianiz, 2013.

WOSIEN, Bernhard. **Dança: um caminho para a totalidade**. Tradução de Maria Leonor Rodenbach e Raphael de Haro Júnior. São Paulo: Triom, 2000. 157p.

Sites Consultados

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>
<https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/educacao-para-adultos>
<https://www.cobogo.com.br/jonathas-de-andrade>
<https://www.folhape.com.br/colunistas/roberta-jungmann/obras-de-francisco-brennand-podem-se-tornar-patrimonio-da-humanidade/31167/>
<http://www.ibernuseos.org/pt/recursos/documentos/declaracion-de-la-mesa-de-santiago-de-chile-1972/>
<https://www.icom.org.br>
<http://www.institutoricardobrennand.org.br/>
<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>
<https://www.minom-portugal.org/>
<https://www.museudascoisasbanais.com.br/>
<https://www.museudapessoa.org/>
<https://www.paulofreire.org/12>
<https://coletivoamaro.tumblr.com/post/133352110283/roberto-mendes-an%C3%Allise-da-m%C3%BAsica-massemba>
<https://dancacircular.com.br/artigos/36/O-inicio-da-DANCA-CIRCULAR-no-Brasil>
<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>
<https://projetofo.com.br/pt/obras/parangoles/>
<https://www.nexojornal.com.br/especial/2020/07/27/os-multiplos-sentidos-da-arte-de-helio-oitica>
<https://correio.ims.com.br/carta/os-parangoles-de-helio-oitica/>
<https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/>
<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>
<http://vivabahia.com.br/roberto-mendes-voz-e-alma-do-reconcavo/>

Ficha Técnica Caderno do Professor

CONCEPÇÃO DA COLEÇÃO	Andréia De Bernardi
COORDENAÇÃO EDITORIAL	Andréia De Bernardi e Ives O S Melo [Uaiipy Produção Cultural]
AUTORES DO TEXTO PRINCIPAL	Andréia De Bernardi, Carolina Dellamore e Eduardo Martins
REVISÃO	Uaiipy Produção Cultural
ILUSTRAÇÕES	Anna Göbel
DESIGN GRÁFICO	Alessandra Soares e Cláudio Santos [Voltz Design]
CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE	Marci Silva [Nuvem Produção Cultural]
BIBLIOTECÁRIO	Albert Michel da Silva Torres
IMPRESSÃO	Rona Editora

Ficha Técnica Formação de Multiplicadores

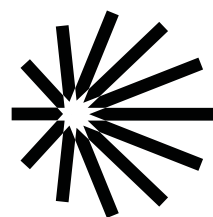
CONCEPÇÃO E MEDIAÇÃO	Andréia De Bernardi, Carolina Dellamore e Eduardo Martins
PRODUÇÃO	Lindaura Maia e Uaiipy Produção Cultural
CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE	Marci Silva [Nuvem Produção Cultural]
FOTOGRAFIA E VÍDEO	Amanda Salgado e Pedro Zajden
TRANSPORTE	Claudiney Maia e Leonardo Couto [Executive Locadora de Veículos]

Agradecimentos

Agradecemos à Sra. **Daniela Lorena Fagundes de Castro**, superintendente estadual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan/MG, e à Sra. **Débora do Nascimento França**, que também nos apoiou quando estava à frente da Superintendência, assim como às suas equipes técnicas. À Sra. **Marília Sinimbu Melo**, chefe do Escritório Técnico do Iphan em Congonhas, que tão cuidadosamente nos acolheu e orientou. Em especial, à Sra. **Célia Corsino** que, atuando como superintendente em Minas Gerais na época em que o Iphan completou 80 anos de trajetória, nos convidou a propor um projeto cultural que viria a ser o **Programa Educativo Iphan+80**. Nosso sincero agradecimento pela valorosa confiança depositada na Akala e em seus colaboradores. E agradecemos também a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste projeto cultural.

Ficha Técnica IPHAN+80

REALIZAÇÃO	Akala
CONCEITO E COORDENAÇÃO GERAL	Andréia De Bernardi
PRODUÇÃO EXECUTIVA	Ives O S Melo [Uaiipy Produção Cultural]
ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO	Lindaura Maia
ARTISTAS CONVIDADOS	Anna Göbel [Miradas de Afeto] e Chico Simões [Mamulengo Presepada]
MAMULENGOS	Clara de Minas Nunes e Milton de Minas Nascimento brincados por Chico Simões
ARTE EDUCADORAS	Amanda Salgado e Anna Göbel
PROFESSORES	Andréia De Bernardi, Carolina Dellamore e Eduardo Martins
PESQUISA	Uaiipy Produção Cultural
COORDENAÇÃO EDITORIAL	Andréia De Bernardi, Anna Göbel e Ives O S Melo [Uaiipy Produção Cultural]
BIBLIOTECÁRIO	Albert Michel da Silva Torres
CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE	Marci Silva [Nuvem Produção Cultural]
ACESSIBILIDADE SITE	Hand Talk
INTÉRPRETES DE LIBRAS	Dinalva Andrade Martins e equipe [BH em Libras]
GRÁFICA OFFSET	Rona Editora
EDIÇÃO DE IMAGEM	Mariana Klimkievicz e Pedro Zajden
AUDIOVISUAL	Chico Simões, Pedro Zajden e Sol Barreto
FOTOGRAFIA	Amanda Salgado, Pedro Zajden e Sol Barreto
CONSULTORIA EM COMUNICAÇÃO	Marli Assis [Mombak Comunicação Estratégica]
ASSESSORIA DE IMPRENSA	Marli Assis e Túlio Fonseca [Mombak Comunicação Estratégica]
MÍDIAS SOCIAIS	Amanda Salgado, Joice Castro [Mombak Comunicação Estratégica] e Sol Barreto
IDENTIDADE VISUAL, DESIGN E COORDENAÇÃO GRÁFICA	Alessandra Soares e Cláudio Santos [Voltz Design]
WEBSITE	Samuel Parrela [Reakt]
REVISÃO DE TEXTO	Uaiipy Produção Cultural
CONSULTORIA EM GESTÃO CULTURAL	Alessandra Drummond, Regina Cupertino e Luiza Reis [Art Managers]
ASSESSORIA JURÍDICA	Alessandra Drummond, André Belfort, Stefano Ragonezi e Gisele Paulino [Drummond & Neumayr Advocacia]
ASSESSORIA CONTÁBIL	Filipe Rocha [Acrópole Contabilidade]
SEGUROS	Denise Pinto [AD3 Seguros]
TRANSPORTE	Claudiney Maia e Leonardo Couto Leôncio [Executive Locadora de Veículos]



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Apoio



Realização



Parceria



Patrocínio



Realização



@iphanmais80

www.iphan80.com.br

Olá! Chegou a hora de colocar em prática o que construímos juntos na Formação de Multiplicadores.

Em 2023, a equipe do Programa Educativo Iphan+80 visitou previamente todas as cidades contempladas pelo projeto para uma pesquisa inicial, levantando os temas para as pranchas ilustradas do Caderno do Professor. O resultado pode ser visto nas ilustrações especialmente criadas pela artista Anna Göbel, as quais retratam, cada uma delas, dois ou mais bens culturais de sua cidade, colocando-os em diálogo.

Assim, elementos do patrimônio cultural material – como bens tombados, prédios e monumentos – aparecem lado a lado com manifestações do patrimônio cultural imaterial – tais como festividades, costumes, culinária –, sendo mencionados também o patrimônio natural – a biodiversidade, as reservas, os rios – e as referências históricas.

Após ter experienciado o que propusemos nas oficinas de formação de multiplicadores (vivências presentes no Caderno do Professor), como você transformaria cada ilustração em ações educativas que sejam interessantes para os grupos com os quais atua? Considerando que a abordagem da **Educação Patrimonial Afetiva (EPA)** prioriza o vínculo entre as pessoas e o patrimônio que elas elegem como significativo, convidamos você a elaborar propostas de atividades a partir dos bens culturais retratados nas ilustrações, tendo por base as premissas da EPA e seus possíveis desdobramentos, elencados na página 40 do Caderno do Professor.

O exercício que propomos se inicia pela **fruição e leitura da ilustração**. Que elementos do patrimônio cultural de sua cidade você reconhece na imagem? Que outros aspectos se fazem presentes? O que mais chama a sua atenção? Investigando a ilustração, você perceberá características técnicas e como as cores, formas, texturas, dimensões e outros elementos das artes visuais foram trabalhados, sendo esse um momento de fruição que também aciona outras referências estéticas e experiências que fazem parte de sua bagagem de vida.

Aproveite esse momento!

Em seguida, sugerimos que escolha um ou mais bens culturais presentes na ilustração, **pesquisando fatos e coletando informações adicionais** para ampliar o seu repertório e embasar a sua proposta de atividade.

Utilize o campo reservado no verso da prancha, **Quadro 1**, para anotar suas percepções iniciais e descobertas, incluindo breve contextualização histórica, curiosidades e também suas associações com outros temas, textos, letras de músicas, poesias, obras de arte, filmes.

No **Quadro 2**, no verso da prancha, há espaço destinado às **referências bibliográficas**: autores, livros, artigos e sites visitados por você, criando uma base de dados para referenciar a sua proposta.

Por fim, no **Quadro 3**, propomos que elabore sua **proposta de atividade** com base na Educação Patrimonial Afetiva (EPA).

Defina a faixa etária, o nível de ensino, os espaços, os materiais e os recursos a serem mobilizados para a execução dessa atividade. Aproveite para criar algo novo, nunca visto, inusitado. Considere explorar outros espaços da escola ou do centro cultural e não se esqueça de se apropriar da própria cidade: praças, parques, museus, centros de memória, pontos de cultura, quintais... Planeje e leve suas turmas para trabalhos de campo.

Para a parte prática de sua proposta, ouse! Lance mão das diferentes áreas de expressão artística: música, dança, teatro, poesia, fotografia, desenho, pintura, colagem, propiciando aos envolvidos experiência singular, marcante, subjetiva, estética e expressiva.

Ao longo do processo, volte à ilustração sempre que sentir necessidade ou precisar de inspiração. A ilustração fornece os elementos que precisa para estruturar sua proposta em diálogo com os referenciais teóricos mobilizados por você.

Para finalizar a sua proposta, **crie a pergunta instigadora** que deverá ser escrita no espaço deixado em branco sobre a ilustração. A pergunta deve ser curta, capaz de motivar os estudantes a investigarem a imagem em busca de respostas. Ela deve ainda se conectar com a prática de maneira que, durante e ao término da ação, ainda reverbere, provoque reflexões e faça sentido aos participantes.

Convide colegas de outras áreas do conhecimento para realizarem esse trabalho em conjunto com você. Convide os próprios estudantes a participarem dessa construção!

No site do **Programa Educativo Iphan+80**, você encontrará diferentes materiais que podem ser utilizados para potencializar suas propostas:

- * O próprio **Caderno do Professor**, em PDF, que permite que projete as ilustrações e trabalhe a leitura de imagens de forma coletiva;
- * O **Caderno do Estudante e da Comunidade**, contendo as mesmas ilustrações, mas com textos poéticos e instigantes que você pode explorar de diversas maneiras;
- * O **Livro Audiovisual**, vídeo em que o Caderno do Estudante e da Comunidade é narrado e animado com movimentos e sons, tornando o seu conteúdo acessível àqueles em processo de alfabetização e letramento, bem como a pessoas com deficiência visual;
- * A **Visita Mediada em Vídeo**, vídeo em que os mamulengos Clara e Milton, brincados pelo artista Chico Simões, apresentam alguns dos bens culturais de sua cidade e, ao final, realizam a mediação e propõem reflexões. Esse vídeo é interpretado em Libras e legendado em português, tornando-o acessível a pessoas com deficiência auditiva;
- * O registro da **Intervenção Artística** realizada em sua cidade, que pode ser utilizado como inspiração (e quem sabe você possa até mesmo incluir uma visita ao muro pintado como parte de uma de suas propostas?);
- * E, por fim, os registros da **Formação de Multiplicadores**, experiência vivenciada por você em que a sua história de vida, identidade e memórias foram acessadas em diálogo com a noção de Patrimônio Afetivo, podendo inspirar você a criar as suas próprias ações educativas, pensadas para os grupos com os quais atua e para a sua cidade: o seu lugar.

Todos os produtos mencionados acima estão disponíveis no link:

<https://iphan80.com.br/cidades/belo Horizonte/>

Ou no **Q R Code**





















BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS BENS CULTURAIS PRESENTES NA ILUSTRAÇÃO:

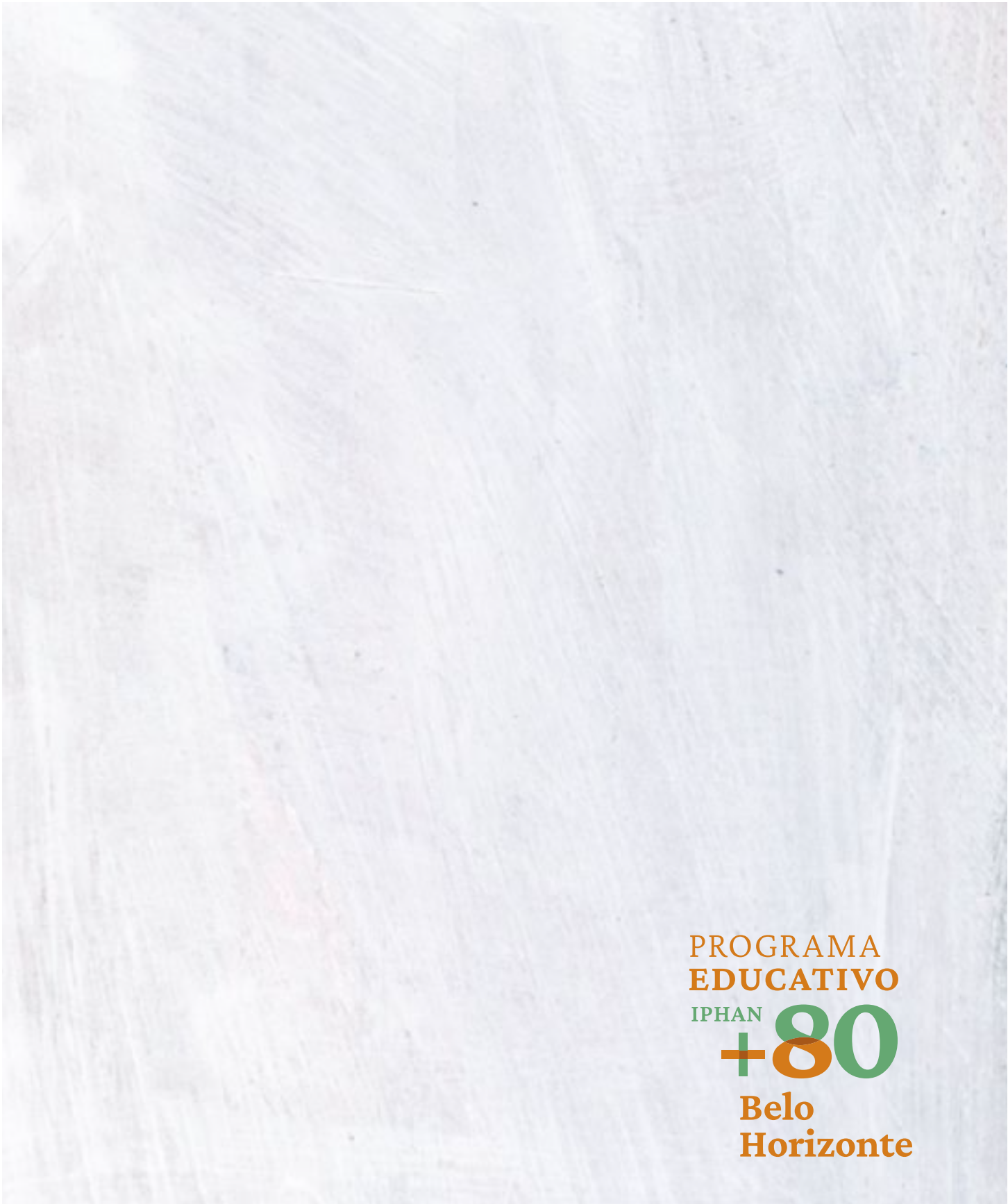


REFERÊNCIAS / AUTORES / SITES CONSULTADOS:

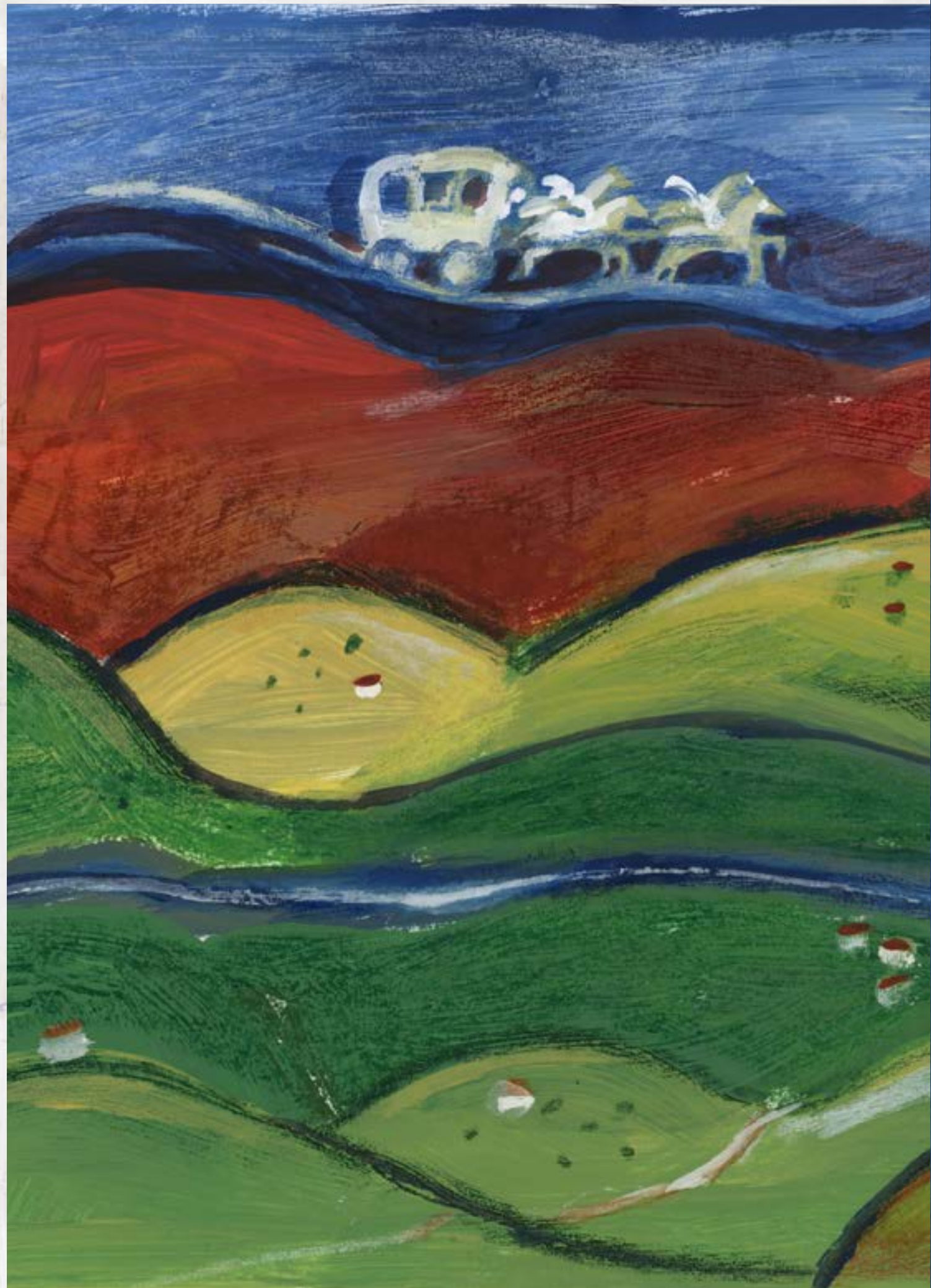


Imprima e preencha um verso para cada prancha ilustrada.

PROPOSTA DE ATIVIDADE COM BASE NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL AFETIVA (EPA):



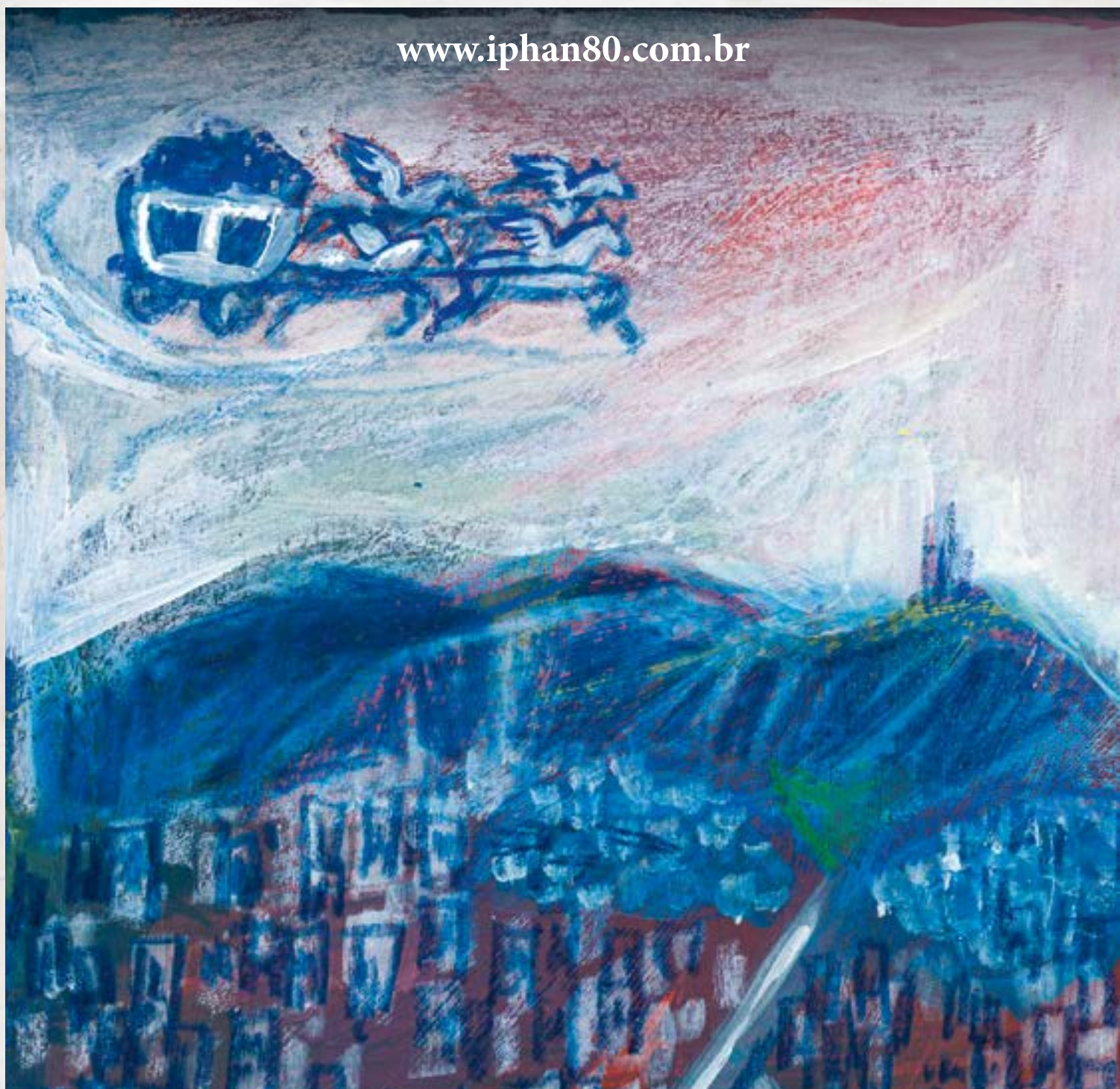
PROGRAMA
EDUCATIVO
IPHAN
+80
Belo
Horizonte



PROGRAMA
EDUCATIVO
IPHAN
+80



www.iphan80.com.br



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Apoio



Realização



Parceria



Patrocínio



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este trabalho é licenciado pela Creative Commons BY-NC-ND 4.0